

Organizadora

Sônia Queiroz

Vissungos no Rosário

cantos da tradição banto em Minas

3ª ed. revista e ampliada



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2016

Diretora da Faculdade de Letras
Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor
Rui Rothe-Neves

Comissão editorial
Elisa Amorim Vieira
Fábio Bonfim Duarte
Luis Alberto Brandão
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Reinildes Dias
Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico
Glória Campos
(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Fotos
Ilka Boaventura

Preparação de originais
Stéphanie Paes

Diagramação
Olívia Almeida

Revisão de provas
Ágatha Caroline Galdino

ISBN
978-85-7758-289-1 (impresso)
978-85-7758-288-4 (digital)

Endereço para correspondência
FALE/UFMG – Laboratório de Edição
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3108
31270-901 – Belo Horizonte/MG
Telefax: (31) 3409-6072
e-mail: vivavozufmg@gmail.com
site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Sumário

- 5 Apresentação**

- 21 Capitão João Lopes**
- 22 Saudação à Rainha**
- 24 Pade Nosso africano**

- 27 Capitão Ivo Silvério da Rocha**
- 28 Minhas perna me dói**
- 28 Padre Nosso africano**
- 29 Ô caxinganguelê**
- 29 Cuenda**
- 30 Vange Opungo é quem me criô**

- 31 Capitão Júlio Antônio Filho**
- 32 Eu sô filho de nego**
- 37 Chora, ingoma**

- 41 Capitã Pedrina de Lourdes Santos**
42 Abá cuna Zambi pala oso
- 47 Capitão Antônio Maria da Silva**
48 Ê Zambi, ê Zambi
- 51 Capitão Dirceu Ferreira Sérgio**
52 Reza para sair
- 55 Capitão Jair Teodoro de Siqueira**
56 Barão unoê
56 Uia catumbê iauê
- 57 Maria de Lurdes Silva**
58 Emo quá
- 59 Palavras de línguas
africanas presentes nos cantos**
- 131 Referências**

Apresentação

Reunimos aqui alguns cantos remanescentes das línguas e culturas dos africanos que foram trazidos para o trabalho forçado nas minas de ouro e pedras preciosas no século XVIII. Passados três séculos da chegada às Minas dos primeiros africanos e seus descendentes nascidos na América, os traços das línguas africanas aqui faladas – o quimbundo, o quicongo e o umbundo – se restringem a fragmentos – versos e palavras soltos em alguns cantos do repertório da Festa de Nossa Senhora do Rosário e do Candombe (que se realiza também fora do âmbito da Festa do Rosário).

O trabalho de estudo desses cantos numa abordagem comparativa, levando em conta as relações com as línguas e manifestações culturais africanas, demanda dedicação e tempo sobre os textos de cá e de lá. O primeiro passo para esse estudo, no entanto, é a reunião dos cantos – música e letra. O que exige deslocamento e equipamento para gravação e transcrição. Essa etapa, da pesquisa de campo, vem sendo desenvolvida sistematicamente e com muita qualidade pela Associação

Cultural Cachuera! e pela Viola Corrêa, com o patrocínio do Itaú e da Petrobrás Cultural. E também por iniciativas isoladas de artistas pesquisadores, como Titane, Caxi Rajão, Glaura Lucas e Daniel Magalhães. À iniciativa e qualidade do trabalho dos músicos e etnomusicólogos e de toda a equipe desses pesquisadores da música de tradição oral no Brasil, agradecemos o registro sonoro (e em alguns casos, escrito e em DVD) dos cantos aqui editados em forma de livro.

A seleção dos cantos, que parte dos CDs relacionados nas Referências, ao final desta publicação, tomou como critério sua gravação em território mineiro, na voz de lideranças de ternos ou guardas de Moçambique (ou *Maçambique*, forma adotada em alguns CDs), Catopés (ou *Catopês*), ou Candombe. O Capitão (ou Patrão, no caso dos Catopés) é hoje, por excelência, o guardião da tradição oral banto em Minas, por vezes acumulando a função de líder espiritual, político, portador da memória de cantos, contos, provérbios, cantador, regente, contador. São eles: João Lopes, do Reinado do Jatobá (Belo Horizonte); Ivo Silvério da Rocha, do Catopê de Milho Verde (Serro); Júlio Antônio Filho, do Moçambique de Fagundes (Santo Antônio do Amparo); Pedrina de Lourdes Santos, do Moçambique de Nossa Senhora das Mercês de Oliveira; Antônio Maria da Silva, do Reinado dos Arturos (Contagem); Dirceu Ferreira Sérgio, do Reinado de Justinópolis (Ribeirão das Neves);

Jair Teodoro de Siqueira, do Candombe do Matição (Jaboticatubas). Além desses mestres, incluímos nesta publicação a voz de Maria de Lurdes Silva, conhecida como Dona Cesária, viúva de um antigo Contramestre do Catopê do Serro, que assumiu, naquela comunidade, a função de guardiã dos cantos de tradição.

A ligação rítmica e espiritual do Moçambique (ou Maçambique) com o Candombe se evidencia na “Saudação à Rainha” interpretada pelo Capitão João Lopes. O etnomusicólogo Paulo Dias comenta no encarte do CD *Congado mineiro*:

Capitão João Lopes e o Maçambique de Jatobá cantam para uma rainha à porta de sua casa, convidando-a a se incorporar ao *imperiado*, conjunto de reis que desfila sob um grande pálio. O texto cantado faz referência ao poder dos antigos mestres do caxambu (bataque de terreiro como o candombe) de fazerem crescer bananeiras no espaço de uma noite. [...]. A ligação rítmica com o candombe [...] fica evidente neste batido, denominado *maçambique cruzado*. Notem-se as brilhantes intervenções das gungas em sapateio.

Segundo o encarte do CD *Os negros do Rosário*, a gunga, “pequeno cilindro de zinco com furinhos e enchimento de semente de caité, maria-preta ou bolinhas de chumbo”, é percutida pelo movimento das pernas durante a dança e “cada dançador tem três ou quatro gungas

amarradas em cada perna”. A percussão é a base musical das guardas de Moçambique, dos Catopês e dos Candombes: caixas, pantangomes, ganzás... rigidos pelo tamborim do Capitão. A caixa é um “tambor com as duas extremidades cobertas; dependurada no ombro e deslocada para a lateral do corpo do caixeiro, é percutida com uso de duas baquetas”, e cada guarda tem duas a quatro caixas. O pantangome é “um cilindro curto de chapa de zinco com pequenos furos”, enchimento de sementes ou bolinhas de chumbo, como a gunga, e “duas alças diametralmente opostas”, pelas quais é “sacudido de um lado para outro ou por movimentos circulares”. O ganzá é “um bambu com cerca de 60 cm de comprimento, com talhos transversais, que se faz soar raspando nele prego ou vareta de madeira”. O tamborim, “usado exclusivamente por capitães e caciques como instrumento de comando”, é uma “caixa retangular ou quadrada de madeira [...] com couro nas duas faces fixado com prego ou tachinha; tem alça e é percutido com uma baqueta”. Só o Candombe usa o *ngoma*, o tambor ancestral, esculpido em tronco de árvore e afinado no fogo; um instrumento pesado, difícil de carregar, o que com certeza determina a forma de participação do Candombe nas Festas do Rosário, em que ele não sai pelas ruas em cortejo. Segundo o Capitão João Lopes, em entrevista a Leda Martins, citada no livro *Afrografias da memória*:

o único pessoal que adaptou bater os instrumentos como mais ou menos a semelhança que bate o candombe foi o povo de moçambique [...] e ficou assim definido entre eles [...] que o maçambique puxaria o trono, o congo seria o guia do maçambique, limpando o caminho.

Assim, segundo o encarte do CD *Os negros do Rosário*, no cortejo do Reinado, o Moçambique “caminha ‘no pé da coroa’, posição mais próxima à Corte. É quem tira e entrega os reis em casa e no palanque...”, usando a indumentária mais tradicional: “saia, camisa, turbante ou lenço amarrado na cabeça, gungas na perna”.

Os catopês posicionam-se no cortejo logo à frente do Moçambique, a quem auxiliam na escolta dos reis e rainhas. Ivo Silvério da Rocha, *Patrão*, ou *Contramestre*, do Catopê de Milho Verde, é, também, um dos últimos (senão o último) mestre de vissungos de enterro. Conforme está no encarte do CD *Congado mineiro*, os vissungos

São cantos de trabalho herdados dos escravos, que ele aprendeu ouvindo os moradores das vizinhas comunidades negras do Baú e Ausente [...], quando estes transportavam seus defuntos em redes para enterrá-los na cidade. O primeiro canto expressa a dor e o cansaço dos carregadores caminhando léguas a pé entre as serras; os outros dois [...] marcam o momento em que, aproximando-se do cemitério, os companheiros encomendam a alma do morto, para que possa ganhar com suavidade a terra dos ancestrais.”

Na Comunidade dos Arturos, um modelo de resistência cultural plantada no centro industrial, em Contagem, percebe-se claramente o investimento na transmissão das práticas tradicionais, por exemplo, na formação da Guarda de Moçambique Mirim. O Capitão Regente Antônio Maria da Silva, no canto aqui reproduzido a partir do CD *Congado mineiro*, faz a saudação, o “Saravá ao Reinado”:

Após o levantamento de mastros na Comunidade Negra dos Arturos, Seu Antônio está saravando, dirigindo saudações rituais aos reis e rainhas perpétuos e de ano que compõem o Reinado da Irmandade, enquanto a Guarda de Maçambique Mirim evoca o nome de Zambi, Deus onipotente. O batido serra-acima é executado pelas caixas e patangomes, chocalhos circulares metálicos. Ao saírem da Igreja do Rosário, o andamento se acelera e uma saudação falada aos capitães (líderes das guardas) fecha os trabalhos do dia, lembrando-lhes que essa tradição é herança dos mais velhos – a *gonga* ou *engoma* de vovô. Note-se nos versos “Zambi é nossa guia/Nossa Senhora minha companhia” a convivência de diferentes universos religiosos.

No Sul de Minas, o Capitão Júlio Antônio Filho, ou Capitão Julinho, como é chamado, carrega o bastão herdado do pai, à frente do terno de Moçambique que ele fundou em Fagundes, povoado do município de Santo Antônio do Amparo. E sabe que o bastão carrega muitos sentidos, simbolizando os saberes ancestrais guardados por aquele que o tem na

mão. Um “sacerdote de almas”, dom que ele recebeu de sua família – sua linhagem”, Capitão Julinho, como está no encarte do CD *Foi o que me trouxe*, também “é reconhecido como um dos guardiões do conhecimento da língua da costa, uma estranha mescla de português e banto, antigo idioma das senzalas e que hoje está restrito a poucos falantes, em sua maioria idosos”. Reproduzimos aqui dois cantos em que essa língua da costa, também chamada *calunga*, essa língua da travessia, revela ainda sua força: “Eu sô filho de negro” e “Chora, ingoma”.

No CD *Os negros do Rosário*, Pedrina de Lourdes Santos, capitã do Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, de Oliveira, reúne tudo o que a memória remota ainda pode guardar da língua dos antigos e improvisa um solo longo, que soa como uma sequência de palavras soltas, trazidas pelos ares de uma história de fragmentação. Após seis quadras em “língua africana”, intercaladas por um refrão característico da tradição musical dos povos de língua banto – *ê ê aruê, aruê, aruê* – ela chama o coro com uma quadra em que mistura a língua portuguesa com palavras do quimbundo. A partir desse momento entram os instrumentos de percussão, e regente e coro prosseguem o canto em português:

Ajuntei tudo o que sabia, o que já havia aprendido com meu pai, Capitão Leonídio, o que canto intuitivamente, com coisas que procuro em livros, coisas dos dialetos africanos, especialmente

quimbundo e nagô. Achei também que não deveria ficar só no tempo da escravidão, mas trazer o assunto para a atualidade.

Capitão Regente do Reinado de Justinópolis, Dirceu Ferreira Sérgio, no canto aqui reproduzido a partir do CD *Congado mineiro*, “Reza para sair”: “antes de ganhar a rua, terreno de forças desconhecidas, é fundamental o ritual de preparação visando ao fortalecimento espiritual do grupo”. No estilo do Candombe, “com uma primeira parte em recitativo e outra ritmada pelo batido *serra-acima*”, em que “de tempos em tempos podem se ouvir os maçambiqueiros *raiano gunga*”, ele invoca a força dos tambores – “Vamos firmá nossa ingoma” – “pro terreiro serená”.

O Candombe do Matição (ou Mato do Tição), comunidade rural do município de Jaboticatubas, parece partilhar com os Arturos a ideia de que é preciso investir na transmissão de saberes tradicionais às crianças e aos jovens. A comunidade criou o grupo Tambores do Mato do Tição, que mantém a tradição com roupagem nova, garantindo a difusão da música do Candombe por meio de apresentações públicas fora das festas tradicionais. Paralelamente, os mais velhos, como fazia o falecido Capitão Jair Teodoro de Siqueira, se incumbem de recontar, cantando, as narrativas fundadoras, como aquela do “Barão uauê”, o homem que, “no tempo do cativo”, quis impedir o batuque dos negros, mandando pôr fogo nos tambores. Perseguido desde então por uma nuvem de fumaça

que o deixava permanentemente lacrimejante, o barão acabou voltando atrás e autorizando o batuque, nascendo assim o Candombe do Matição.

Sônia Queiroz







Capitão João Lopes

João Lopes foi o Capitão Regente do Reinado do Jatobá, bairro de Belo Horizonte.

O canto “Saudação à Rainha” foi gravado em 25 de agosto de 1996, no bairro Jatobá, pela equipe da Associação Cultural Cachuera! (Paulo Dias, Marcelo Manzatti e Sérgio Carvalho de Oliveira), durante a Festa do Rosário da Irmandade. É a faixa 10 do CD *Congado mineiro*. (Documentos Sonoros Brasileiros. Acervo Cachuera!, 1).

O “Pade Nosso africano” foi gravado na década de 1990 pela pesquisadora Glauro Lucas (UFMG), na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá.

Saudação à Rainha

minha mãe mandô me chamá
lá no pé de mulungu
oi de dia plantá bananera
oi de noite tocá caxambu
chora, ingoma aiá
(coro) ôôôô...
oia torna chorá iá
(coro) ô, iáíáíá...

Sá Rainha, no dia de hoje
ingoma chegô, viajô
veio pra te visitá
no seu palácio te encontrô
chora, ingoma iá
(coro) ôôôô...

como vai, Sá Rainha?
Cumé que passô de ontem?
(coro) ô, lê oiá ááá...

ô
uô! ai ai ai
minha pai que já era um nego veio
que dormiu no cruzero
meia-noite em ponto
minha pai acendeu candiero
chora, ingoma iá
(coro) ôôôô...

ô, ingoma!
(coro) ô, lê oiá ááá...

depois de muitos ano
que mo pai me morreu
me morreu foi pro céu
oi, o papai me dexô
chora, ingoma iá
(coro) ôôôô...

ô, mamãe me mandô iá
(coro) ô, lê oiá ááá...

oi, dizendo que viva, viva!
é os nosso coroados
viva Rei e Rainha
do nosso imperiado
chora, ingoma iá
(coro) ôôôô...

oia torna chorá iá
(coro) ô, lê oiá ááá...

Pade Nosso africano

otê... oteque ouê...
Pade Nosse com Ave Maria
auê...
securo cumetavita auê
ê inganazamba punga
auê...
auê, auê, ô...

ô indamba inganazambipunga
auê...
duro cum zambi
dipupi aiovê
auê...

ê duro cum zambi
dipupu aiovê
zambi dimanga
zambi no jira tingó
auê...

Santa Maria, mãe de Deus
rogai por nós, pecadô
oia Santa Maria, mãe de Deus
rogai por nós, pecadô

saravá o povo de ngoma auê
saravá o povo de Moçambique
oia o povo de congado uê
ô no jira ni cunda no jira

Santa Maria, mãe de Deus
rogai por nós, pecadô
Santa Maria, mãe de Deus
rogai por nós, pecadô

Capitão Ivo Silvério da Rocha

Ivo Silvério da Rocha, Patrão do Catopê de Milho Verde, distrito do Serro, é também um Mestre de vissungos de carregar defuntos em rede.

Os cantos de enterro aqui reproduzidos – “Minhas perna me dói”, “Padre Nosso africano” e “Ô caxinganguelê” – foram gravados pela equipe da Associação Cultural Cachuera! (Paulo Dias e Marcelo Manzatti), em 8 de setembro de 1997, na residência do Capitão Ivo, em Milho Verde, e constituem a faixa 1 do CD *Congado mineiro*. (Documentos Sonoros Brasileiros. Acervo Cachuera!, 1). Embora o primeiro não tenha nenhuma palavra de língua africana, foi aqui reproduzido em função do valor da performance. Os cantos “Cuenda” e “Vange Opungo é quem me criô” foram gravados por Caxi Rajão, em 2000, na Festa do Rosário do Serro, e constituem as faixas 14 e 15 do CD *Festa do Rosário – Serro-MG 1724–2000*.

Minhas perna me dói

minhas perna me dói
o meu corpo me dói, ió
os meus braço já me dói, ai
o meu ombro me dói, ai
minha cabeça me dói, ai

Padre Nosso africano

Padre Nosso com Ave Maria
securo camera que tanazambê
tanazambê, ê
tanazambê, ah
bamba jambê, ah
bamba jambê, ah

Ô caxinganguelê

ô caxinganguelê
vai-se embora com Deus
com Deus, com Deus
vai-se embora com Deus

Cuenda

erê cuenda
cuenda...
erê cuenda
oi cuenda cuenda oi camará
oi cuenda
vamo vê a mãe de Deus

Vange Opungo é quem me criô

oi ô Vange Opungo é quem me criô
oi criô Maria, criô José
Vange Opungo é quem me criô
oi criô Maria, criô José
ererê Vange Opungo é quem me criô
oi criô Maria, criô José

Capitão Júlio Antônio Filho

Júlio Antônio Filho é Capitão do Terno de Moçambique de Fagundes, povoado do município de Santo Antônio do Amparo, Sul de Minas.

Os cantos aqui reproduzidos foram gravados por Roberto Corrêa (Viola Corrêa Produções Artísticas e Clube do Violeiro Caipira de Brasília) em Fagundes, em setembro de 2004, durante a Festa do Rosário (“Chora, ingoma”), e em setembro de 2007, na Fazenda de São Sebastião (“Eu sô filho de nego”). Foram reproduzidos aqui a partir do CD *Foi o que me trouxe: Moçambique do Capitão Júlio Antônio Filho* – faixas 6 e 8.

Eu sô filho de nego

o saracutinga chamô cai e cai
me vira mundéu me chama caiué
ê bananeira tem o grano mole
aqui nesse reino tem o grano mole

olha tico-tico subiu no coquero
tá perguntano mundo como tá
oia tico-tico subiu no coquero
quando desceu me desceu a cavalo

eh, levou minha gimba
aqui neste reino curiô com dambi
eh, dambiojira cafom de vindero ocaia
oh, dambiojira ocaia cafom de vindero no injó de jequê
quando desceu, desceu a cavalo

eu vem lá da Angola
passei ni Aruanda
conenga agora chegô lá no injó
ê no injó de jequê me conenga tata
aqui nesse reino conenga tata

ê conenga com tata lá no injó de jequê
aqui nesse reino no injó de jequê
o timbojira cafom de vindero
no injó de jequê ingoma

eu saí lá do injó de tata
conenga tata no injó de jequê
eu saí lá do cumbara eu é pequenino
aqui nesse reino do tamain de agúia

dambiojira cafom de vindero
ocaia no injó de jequê
eu sou fio de nego, mamãe é criola
eu vem de cumbara, eu vem rebolo

eu sou fio de nego
nasceu lá na cumbara
aqui nesse reino mamãe é criola
cumbara cafom de vindero ocaia

aprendeu falar língua no injó de jequê
ê nhonhó, mamãe é criola
aqui nesse reino papai é rebolo
ê nhonhó, mamãe é criola

oia papai, papai é rebolo
papai é rebolo, nasci lá na Angola
aqui nesse reino aprendeu falá língua
ê irmão, língua de crioulo

aqui nesse reino é língua de crioulo
eu mexeu na gunga
coração doeu
gunga de meu pai
meu coração doeu

eu chamei meu pai pra me ajudá
aqui nesse reino pra me ajudá
ê irmão, mundo não vale nada
olha a gente morre
mundo fica aí

coração doeu
coração doeu
coração doeu
eu mexeu na gunga
coração doeu
coração doeu
coração doeu

gunga de meu pai
gunga de papai
meu coração doeu

ê gunga de meu pai
coração doeu
eu mexeu na gunga
gunga de hoje
coração doeu

ê fala sua língua
eu quero aprender
olha, papagaio
olha, papagaio veio aprender

que me fez chorá
que me fez chorá
que me fez chorá
a jombá de hoje que me fez chorá

ê oia, papagaio é que sabe língua
oia, periquito
oia, periquito nem língua não tem

a cigana chorou
chorou, chorou, chorou
sentada na beira do mar
chorou, chorou, chorou
a cigana chorou

perguntei pra cigana
mas por que que ela chorou
então veio marinheiro
e o barquinho da cigana levou

eu plantei uma rosa
a minha rosa pegou
então veio um passarinho
pegou minha rosa e levou

cheguei em casa chorando
minha mãe me perguntou
chorava por causa da rosa
que o passarinho levou

Chora, ingoma

mandei lá ni Angola
buscá minha pai
buscá minha pai
buscá minha pai, oia lá

eu canto meu ponto
meu pai vai chegá
ô me chora, ingoma

ô jombê, ô jombê, ô jombá
veio aprendê
meu pai vai chegá
ô jombê
me chora, ingoma

ê mamãe, meu pai vai chegá
meu pai vai chegá
meu pai vai chegá, oia lá
eu chamo meu pai pra me ajudá
ôme chora, ingoma

ô jombê, ô jombê, ô jombá
eu chamo meu pai pra me ajudá
ô jombê
ô me chora, ingoma

ê irmão, o tanque tá cheio
o tanque tá cheio, o tanque tá cheio, oia lá
eu quero saber sabê onde eu `marro canoa
ô chora, ingoma

oi jombê, oi jombê, oi jombá
eu quero sabê onde `marro a canoa
ô jombê
ôme chora, ingoma

aqui na cidade tanto pato grande
tanto pato grande, tanto pato grande, oia lá
que tá me matano é beija-fulô
me chora, ingoma

ô jombê, ô jombê, ô jombá
que tá me matano é beija-fulô
ô jombê
ô me chora, ingoma

ê irmão, mundo engana a gente
mundo engana a gente
mundo engana a gente, oia lá

eu mexeu no mundo
mundo me enganô
ô me chora, ingoma

ô jombê, ô jombê, ô jombá
eu mexeu no mundo
mundo me enganô
ô jombê
ô me chora, ingoma

ê irmão, vai deixá saudade
deixá saudade
deixá saudade, oia lá
a jombá de nego vai deixá saudade
chora, ingoma

ô jombê, ô jombê, ô jombá
a jombá de nego vai deixá saudade
ô jombê
ô me chora, ingoma

ê irmão, coração doeu
coração doeu
coração doeu, oia lá
eu pisei na terra, coração doeu
ô me chora, ingoma

ô jombê, ô jombê, ô jombá
eu pisei na terra, coração doeu
ô jombê
ô me chora, ingoma

Capitã Pedrina de Lourdes Santos

Pedrina de Lourdes Santos é Capitã da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, de Oliveira, Sul de Minas.

O canto “Abá cuna Zambi pala oso” foi gravado por Titane em setembro de 1987, durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Oliveira. É a faixa 1 do CD *Os negros do Rosário*.

Abá cuna Zambí pala oso

abá cuna Zambí pala oso
aiabá cuiama cana abá
apaninjé

ê ê ê aruê, aruê, aruê
ê ê ê aruê, aruê, aruê

messaquilibu Babá Oquê
mulendi eledá
muna ualê e do aiê

ê ê ê aruê, aruê, aruê
ê ê ê aruê, aruê, aruê

ocolofé cuna Zambí
monu, monu gundelela
pala oso
mumu abanjá

ê ê ê aruê, aruê, aruê
ê ê ê aruê, aruê, aruê

Angana Musambê
Angana Lubambu
oncó utetese
oncó ocolofé

ê ê ê aruê, aruê, aruê
ê ê ê aruê, aruê, aruê

coro

oooiê oooiá, oooê oê oiá
oooiê oooiá, oooê oê oiá

ocucê aiagana
ararecolê
ocucê aiagana
ararecolê

coro

oooiê oooiá, oooê oê oiá
oooiê oooiá, oooê oê oiá

muenha cuna marungo
na Aruanda saravá
muenha cuna marungo
na Aruanda saravá

coro

oooîê oooiá, oooê oê oiá

oooîê oooiá, oooê oê oiá

oia eu vim lá de Angola

eu vim aqui curimá

ah, eu vim do calunga

eu vim aqui trabucá

coro

oooîê oooiá, oooê oê oiá

oooîê oooiá, oooê oê oiá

no tempo do cativero

vida de nego era só trabucá

trabucava o dia intero

e ainda ganhava era o chiquirá

coro

oooîê oooiá, oooê oê oiá

oooîê oooiá, oooê oê oiá

ora, viva a liberdade
cativero já acabô
mas ainda nos falta igualdade
de nego para sinhô

coro

ooiê ooiá, oooê oê oiá
ooiê ooiá, oooê oê oiá

cem anos de abolição
não pude comemorá
cadê a libertação
que a Lei Áurea ficô de me dá?

coro

ooiê ooiá, oooê oê oiá
ooiê ooiá, oooê oê oiá

Zumbi foi um grande chefe
no Quilombo dos Palmares
sua luta não acabô
ela ecoa pelos ares

coro

oooîê oooiá, oooê oê oiá

oooîê oooiá, oooê oê oiá

o Quilombo dos Palmares

já foi ponto de união

a união faz a força

pra qualquer libertação

coro

oooîê oooiá, oooê oê oiá

oooîê oooiá, oooê oê oiá

Capitão Antônio Maria da Silva

Antônio Maria da Silva é Capitão Regente do Reinado dos Arturos, em Contagem.

O canto aqui reproduzido foi gravado em 9 de maio de 1992 na Comunidade dos Arturos, durante a festa da Libertação, pela equipe da Associação Cultural Cachuera! (Paulo Dias e Marcelo Manzatti). É a faixa 4 do CD *Congado mineiro*. (Documentos Sonoros Brasileiros Acervo Cachuera!, 1).

Ê Zambi, ê Zambi

(coro)

Ê Zambi, ê Zambi

Sá rainha me dá a mão
que Papai lá do céu põe a benção
ê Zambi...

viva mundo e viva Deus
viva nego maçambiqueiro
ê Zambi...

viva mundo e viva Deus
ora viva esse povo coroado
ê Zambi...

ei, minha gonga é de nhá pai
essa gonga é de nhá vô ai
ê Zambi...

ei, Maçambique é coisa boa
Maçambique era nego de coroa
ê Zambi...

ei, o menino de papai, ô gente
o menino de vovô
ê Zambi...

ei, o menino de papai
oi, meu Deus, ô pergunta onde eu vô
ê Zambi...
ei, oia Zambi é nossa guia
oia, Zambi, meu Deus minha companhia
ê Zambi...
ei, ora Zambi é nossa guia
oi mi Nossa Senhora minha companhia
ê Zambi...
Saravá, capitão

(coro)
É coisa boa

Capitão Dirceu Ferreira Sérgio

Dirceu Ferreira Sérgio é Capitão Regente do Reinado de Justinópolis, distrito do município de Ribeirão das Neves.

O canto aqui reproduzido, executado pela guarda de Moçambique, foi gravado em 26 de outubro de 1996, na Irmandade do Rosário de Justinópolis, pela equipe da Associação Cultural Cachuera! (Paulo Dias e Marcelo Manzatti), durante a Festa do Rosário. É a faixa 6 do CD *Congado mineiro*. (Documentos Sonoros Brasileiros. Acervo Cachuera!, 1).

Reza para sair

ô, vô firmá a minha gunga
pro terreo serená
vamo firmá nossa ingoma
ô, pra nossa festa começá
ôôôôô...

ei, os anjo cantô no céu
é hora de Deus, amém
vamo nós pegá com Deus
pra livrá de algum porém

ô, virge mãe, Nossa Senhora
oia o mundo como tá
vejo o mal baxá cabeça
pro fio de Deus passá
ê ô, ê ô, ê ô (4x)

ô minha virge do Rosário
do Rosário mandô chamá
mandô chamá, mandô chamá
ê vô rezá minha incelença
pra podê nós viajá
nós viajá, nós viajá, é...
(coro) é ô...

ô, oia povo do Rosário
tá chegano a nossa hora
a nossa hora, a nossa hora
ê, na inguereja tá chamano
o vigário que mandô
para todo inguerejá
inguerejá, inguerejá, auê
é ô... é ô... é ô... é ô...

ê oia povo do Rosário
eu num sei que hora é essa
que hora é essa, que hora é essa
ô, nós vamo já com Deus
senão chega atrasado
quando dá a nossa hora
a gente começa a nossa festa
a nossa festa, a nossa festa
é ô... é ô... é ô... é ô...

viva Nossa Senhora do Rosário
viva São Benedito
viva Santa Efigênia
viva todo esse povo que ama e
respeita as Ave Maria

Capitão Jair Teodoro de Siqueira

Jair Teodoro de Siqueira foi Capitão do Candombe do Matição (ou Mato do Tição), no município de Jaboticatubas. O ritual acontece em torno de uma fogueira, a partir da meia-noite do dia 23 de junho, e costuma varar a noite de São João.

Os cantos do Candombe do Matição aqui reproduzidos foram gravados pela equipe da Associação Cultural Cachuera!, em parceria com a Fundação Palmares. São as faixas 11 e 12 do CD *Mosaico musical dos quilombos*. (Documentos Sonoros Brasileiros Acervo Cachuera!, 1).

Barão unoê

ê barão unoêê...
barão unoêê...
ê barão menapamadepontê
barão unoêê...

ê barão menapamadepondamaxado
barão unoêê...
ê barão unoêê... ah...

Uia catumbê iauê

uia cacundê iauê
uia cacundê iauê

iaqué casabá daboada...
canau é devera jé
canau é devera jé

Maria de Lurdes Silva

Maria de Lurdes Silva, conhecida como Dona Cesária, é viúva de um dos antigos contramestres do Catopê do Serro, MG.

O canto “Emo quá”, aqui reproduzido, foi gravado por Daniel Magalhães durante entrevista realizada em março de 2007. O pesquisador também fez a transcrição do vissungo.

Emo quá

emo quá

Inganazambi eu sô fia

emo quá

emo quá

lá no campo do Rosário

emo quá

Palavras de línguas africanas presentes nos cantos

No glossário que se segue buscou-se uma forma simples, uma vez que se pretende que a consulta possa abrir possibilidades interpretativas para o leitor. Para muitas palavras foram encontradas diversas ocorrências, que foram anotadas com suas respectivas referências (autor e data). As ocorrências estão separadas em quatro blocos: no primeiro, assinalado com um triângulo ▲, estão as palavras encontradas em vocabulários compilados por pesquisadores que buscaram registrar os falares africanos remanescentes em Minas Gerais no século xx; no segundo, assinalado com um triângulo invertido ▼, os nomes de lugares em Minas Gerais; no terceiro bloco, sinalizado por um losango ◆, estão as ocorrências em pesquisas de campo realizadas em outras regiões do Brasil; no quarto, sinalizado por um quadrado ■, as ocorrências encontradas em dicionários do português brasileiro e em glossários de livros sobre a presença dos africanos no Brasil, especificamente interessados no que se costuma chamar de “africanismo”; no quinto, assinalado com um círculo ●, estão

os étimos prováveis, identificados em dicionários das três línguas africanas do grupo banto que predominaram no Brasil: umbundo, quicongo, e quimbundo.

Abreviaturas das denominações de línguas africanas

quic. quicongo e seu conjunto de dialetos (quitando, quitari etc.)

quimb. quibundo e seu conjunto de dialetos

umb. umbundo

ior. iorubá

abá. Os mais velhos. *abá cuna zambi pala oso/aiabá cuiama cana abá apaninjé/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê.*

Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ **abá.** Os mais velhos, os idosos.

àgbà. *ior.* Os mais velhos, os idosos. CASTRO, 2001, Bahia.

■ Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.

● Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

acuacã. [?] *acuacã aia gana/araracolê/ararecolá/acuacê.* Capitã

Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.

■ Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.

● Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

aiabá. Divindade feminina. *abá cuna zambi pala oso/aiabá cuiama cana abá apaninjé/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **aiabá.** 1. Designação genérica das divindades femininas e das iniciadas que cultuam essas divindades, as principais encarregadas da cozinha ritual do terre(i)ro. 2. Nome de Oxum, a velha, identificada com Nossa Senhora das Graças. **ayaba.** *fon/ior*, divindade doméstica, encarregada do fogo e que ajuda na preparação da comida; rainha; nome feminino. **iyáàgbá.** *ior*. mulher idosa. CASTRO, 2001, Bahia.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- aiovê.** [eu/ele] *ô indamba anganzambi pungu auê.../duro cum bambi/dipupi aiovê, auê.../ê duro cum zambi/dipupu aiovê.* Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.
- ▲ **iove.** eu. VOGT; FRY, 1996, Milho Verde. **iovê.** ele. GONÇALVES, 1995, Jatobá.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- eu. LOPES, 2003.
- **cove.** *umb.* meu, teu. **eye.** *umb.* ele. WILSON, 1954.
- aiuê.** Ver *iauê.*

angana, ngana. senhor, senhora. *angana musambê/angana lubambu/oncó uteleze/ oncó ocolofé.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira;

ocucê aia ngana/ararakolê/ararecolá/acuacê. Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

▲ **ganga.** chefe, dono. BYRD, 2005, Patrocínio; **arunganga.** negro que sabe os mistérios do Congado. **ziriganga, zirigunga.** qualidade de alguém que sabe muito; capitão zirigunga é aquele que domina o canto e as suas funções do Congado; o mesmo que ziriganga. PEREIRA; GOMES, 2000, Arturos. **gana, inganga.** padre. QUEIROZ,

1998, Tabatinga; **ganga.** parte de Exu, lado de lá. VOGT; FRY, 1996, Patrocínio; **ganga, gonga.** soldado. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo. **man-ganá, ongana.** senhora. GONÇALVES, 1995, Jatobá. **angana, nganga, uganga.** no país de origem significava feiticeiro, curandeiro, sacerdote. MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada; **oronganga.** soldado. MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada. **unganga.** Sacerdote, padre, feiticeiro. DORNAS Fº, 1938, Itaúna. **angana-mussambê.** Senhora do Rosário. GONÇALVES, 1995, Jatobá. **angana-berê.** mãe solteira. GONÇALVES, 1995, Jatobá.

angana-fureque. prostituta. GONÇALVES, 1995, Jatobá.

angana-nete. mulher virgem. GONÇALVES, 1995, Jatobá.

angana-yambi. sacerdote do congado. GONÇALVES, 1995, Jatobá.

angana-iangue. patrão, dono de serviço. “Contém o elemento *angana*, senhor, como *Angananzambi*”. MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada.

nganga-kuka. sacerdote idoso. *Espantado com a beleza do céu, custou a responder a pergunta do Nganga-kuka de nome São Pedro.* GONÇALVES, [1994], Jatobá.

nego véio de iungunga. lembrança dos antepassados e dos seus locais de origem; o mesmo

que nego véio de Ringunga, nego véio de Lungunga, nego véio de Lugamba. Observe-se que foneticamente esses vocábulos se ligam à toponímia do continente africano, a nomes de cidades como Luanda e Lubango, em Angola. PEREIRA; GOMES, 2000, Arturos.

overá undaca de unganga. rezar. DORNAS Fº, 1938, Itaúna.

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ **ganga.** 1. chefe; ocultista, vidente, sacerdote. 2. nome de *Bambojira*. **angana.** 1. (pejorativo) patrão. 2. (arcaico) senhora, mulher do senhor, tratamento que era usado pelos escravos. CASTRO, 2001, Bahia.

- **ganga.** 1. Chefe; sacerdote. 2. peça de vestuário. 3. tipo de tecido. LOPES, 2003; CASTRO, 2001; AURÉLIO, 1975; BASTIDE, 1971; SENNA, 1938. **angana.** 1. a filha mais velha. 2. denominação familiar dos pais às filhas. LOPES, 2003; SOARES, 1954; SENNA, 1938.
- **onganga.** *umb.* bruxa, feiticeiro. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954. *olun.* feiticeiro. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896. **nganga.** *quimb.* sacerdote; profeta; que tem ou revela grande saber; doutor, mestre. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **ngana.** *quimb.* senhor, homem casado, patrão, chefe, mestre. **ngana ia muhatu.** *quimb.* senhora. MAIA, 1964. **nganga a**

mpandu. *quic.* bruxa, feiticeiro. **nganga a Nzambi.** *quic.* sacerdote. COBE, 2010.

angola. [país africano] *eu vem lá da Angola passei ni Aruanda/ conenga agora chegô lá no injó/ê no injó de jequê me conenga tata/aqui nesse reino conengô tata/ ê conengô com tata lá no injó de jequê/aqui nesse reino no injó de jequê/.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes. *mandei lá na Angola buscar minha pai/buscar minha pai, buscar minha pai, oia lá/ eu canto meu ponto, meu pai vai chegar/me chora ingoma.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.

aqui nesse reino papai é rebolo/ê nhonhó, mamãe é crioula/oia papai, papai é rebolo/papai é rebolo, nasci lá na Angola/aqui nesse reino aprendeu falá língua/eh irmão, língua de crioulo. Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes. *oia eu vim lá de Angola/eu vim aqui curimá/ah, eu vim do calunga/eu vim aqui trabucá.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

- ▲ **fumo-de-angola.** *cannabis sativa*. GONÇALVES, 1995, Jatobá.
- ▲ **milho-de-angola.** sorgo. GONÇALVES, 1995, Jatobá.
- ▼ nomeia córrego em Aimorés, Alpinópolis, Andradas, Bambuí, Caparaó, Carmo do Paranaíba, Conceição do Pará, Espera

Feliz, Itamoji, Jeceaba, Passos, Rio Paranaíba, Santo Antonio do Grama, São Sebastião do Paraíso Seritinga, e Turvolândia. Nomeia fazenda em Alpinópolis, Campanha, Campos Gerais, Carmo do Paranaíba, Gurinhatã, Jeceaba, Monte Santo de Minas, Passos, Rio Paranaíba, Santo Antonio do Grama, São Tomás de Aquino, Seritinga, Soledade de Minas, Três Corações. Nomeia localidade em Conceição do Pará. Nomeia povoado em Aimoré. **Angolinha.** nomeia córrego em Argirita, Campo do Meio, Campos Gerais, Carmo do Rio Claro, Jeceaba, Leopoldina e São Sebastião do Paraíso. Nomeia fazenda em Perdizes e Uberlândia. LIMA, 2012.

- ◆ Nação-de-candomblé, de tradição e terminologia religiosa de base canto. 2. Ritmo de Dandalunda e Oxum. CASTRO, 2001, Bahia.
- **angola, ngola.** 1. país africano onde se fala quimbundo, quicongo e umbundo, três das principais línguas africanas trazidas para Brasil pelos negros escravizados; 2. aqueles que são naturais desse País. 3. Capim d'Angola; *panicum guineense*. CASTRO, 2001; AURÉLIO, 1975; SOARES, 1954; SENNA, 1938 E 1921; LAYTANO, 1936;
- **ngola.** *quimb.* refere-se ao nome do país. MAIA, 1964. **ngola.** *quic.* angolano. COBE, 2010.
- apaninjé.** [?] *abá cuna zambi pala oso/aiabá cuiama cana abá apaninjé/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê.* TITANE, 1999, Oliveira.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares, cantos e contos africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **injé, onjé.** Comida. **onjo.** *ior.* comida. CASTRO, 2001, Bahia.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- araracolá, araracolê.** [?] *acuacã aia gana/araracolê/ararecolá/acuacê.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

aruanda. var. de *Luanda*, antigo porto na costa atlântica da África banto no período da colonização portuguesa; atualmente, a capital de Angola. *eu vem lá da Angola passei ni Aruanda/ conenga agora chegô lá no injó/ê no injó de jequê me conenga*

tata/aqui nesse reino conengô tata/ ê conengô com tata lá no injó de jequê/aqui nesse reino no injó de jequê/. Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.

muenha cuna marungo/na Aruanda saravá/muenha cuna marungo/na Aruanda saravá. Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

- ▲ **luanda.** festa. BYRD, 2005, Patrocínio; VOGT; FRY, 1996, Patrocínio.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **aruanda.** a África mítica, termo que aparece frequentemente em cânticos rituais e do folclore afro-brasileiros, como nos versos: "Quando eu vim de

- Aruanda” ou “Eu sou negro de Aruanda”. LOPES, 2003; CASTRO, 2001.
- **luanda.** capital de Angola. LOPES, 2003; CASTRO, 2001; AURÉLIO, 1997; SENNA, 1938.
 - **luanda.** *quimb.* embaixada, alfândega. topônimo. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--].
- babá.** pai. *messaquilibu babá oquê/muendi eledá/muna ualê e duaiê/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares, cantos e contos africanos em Minas.
 - ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **babá.** 1. Pai, antepassado, chefe, palavra que precede o nome do egum. 2. Tratamento respeitoso para mameto. **babá.** *fon/iior.* Pai. CASTRO, 2001, Bahia.
 - **abá.** Tratamento dado às amas-de-leite. LOPES, 2003; CASTRO, 2001; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938; GARCIA, 1935. **baba.** pai. AURÉLIO, 1975.
 - Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- bamba jambê.** [?] *tanazambê, ah/bamba jambê, ah/bamba jambê, ah.* Capitão Ivo Silvério da Rocha. DIAS, 2001, Serro.
- ▲ **bambaquerê.** certa dança. GONÇALVES, 1995, Jatobá.
 - ▼ **bambaquiri.** nomeia córrego e povoado em Iapu. **bamba.**

Nomeia córrego em Bocaiúva e fazenda em Baependi. LIMA, 2012.

◆ **bamba**. bastão, vara, chicote. CASTRO, 2001, Bahia.

- 1. uma dança 2. confusão, desordem. 3. toda a dança ou festa que acaba em confusão. 4. dança popular gaúcha, semelhante à quadrilha, de origem africana; nome atribuído ao General Bento Gonçalves. AURÉLIO, 1975; MENDONÇA, 1973; BRANDÃO, 1968; SOARES, 1954; SENNA, 1938; LAYTANO, 1936.
- bamba**. 1. valentão. 2. mestre. 3. ritos, objetos rituais ou seus efeitos. 4. Topônimo. CASTRO, 2001; AURÉLIO, 1975; SOARES, 1954; SENNA, 1938; RAIMUNDO, 1933.

● **mbámba**. *quimb.* mestre, exímio, excelente. **mbamba**. Vara, bastão, muleta. MAIA. 1964; ASSIS JR., [19--].

cacundê. [?] *uia cacundê iauê/ uia cacundê iauê/uia cacundê iauê/iaqué casabá oaú.../canaú é devera é /canaú é devera é*. Capitão Jair Teodoro de Siqueira. DIAS, 2002, Matição.

▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.

■ bordado usado em roupas femininas, feito através da aplicação de pedaços de tecido sobre um desenho planejado e, após

a aplicação, retirar os excessos. AURÉLIO, 1975; RAIMUNDO, 1933.

- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

cafom de vindero ocaia. Nossa Senhora. *cumbara cafom de vindero ocaia/aprendeu falar língua no injó de jequê/eh nhó, mamãe é crioula.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes

- ▲ **cavinguero, cavinguera, cavunguero, cavunguera, cafunguera, vindero.** 1. patrão. *O cuete seu cavinguero lá do sengue.* O seu patrão lá da roça. 2. rico. *Cê tipura o cuete... o cuete é cavinguera? Cê conhece o cara... o cara é rico? Cavinguerão.* grande

proprietário. *Cumbara avura aqui, meu fio. Ih! isso aí tem... sengue, tem... cavingurão!* Da cidade grande, meu fio. Ih!, Isso aí tem... fazenda, tem... fazendeirão! QUEIROZ, 1998, Tabatinga. **vindero.** padre. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo; **vindêro, vinderi.** branco. DORNAS Fº, 1938, Itaúna.

- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

caiuê. Ver *aiué*.

calunga. Mar. *oia eu vim lá de Angola/eu vim aqui curimá/ah, eu vim do calunga/eu vim aqui trabucá*. Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

▲ água. SIMÕES, 2014, Milho Verde; fala. BYRD, 2005, Patrocínio; mar. entidade africana. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo; língua africana, meia língua. VOGT; FRY, 1996, Patrocínio; mar. MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada; céu ou morte. DORNAS Fº, 1938, Itaúna. **kalunga.** água. NASCIMENTO, 2003, São João da Chapada; **carunga.** rio. VOGT; FRY, 1996, Milho Verde.

▼ 1. divindade ou entidade espiritual ou sobrenatural, entre populações de origem banta, que se manifesta como força da natureza; especialmente a divindade associada ao mar. 2. fundo do mar; fundo da terra, o abismo. 3. cada uma das duas bonecas do maracatu. 4. ajudante, carregador de caminhão. 5. ente imaginário e privilegiado, ídolo. Nomeia fazenda em Itabira e Nepomuceno; córrego Caranaíba, Rio Piracicaba e São José da Varginha; localidade em Caranaíba e povoado Alvinópolis. **calunguinha.** Nomeia córrego em Caranaíba. LIMA, 2012. **calunga de Damasceno Costa.** Nomeia fazenda em Caranaíba. LIMA, 2012.

- ◆ **calunga.** 1. o mar; o fundo da terra, o abismo; divindade poderosa; seus símbolos. 2. salve! viva!. 3. bibelô, qualquer imagem pequena, estatueta. 4. cada uma das bonecas eminentes do maracatu. 5. rato pequeno, doméstico; (p.ext.) vadio, sabido, gatuno. Var. *calungo*, *canunga*. 6. Ajudante, carregador de caminhão. CASTRO, 2001, Bahia. **carunga.** buraco, cemitério. ANDRADE F^o, 2000, Cafundó.
- **calunga.** 1. o mar. 2. amuleto, bonecos de madeira. 3. o pargo, peixe da família dos *sparoides*. 4. o mundo dos mortos, o que está além de nós. 5. ser imaginário dotado de poderes. 6. ritos, objetos rituais ou seus efeitos. LOPES, 2003; AURÉLIO, 1975; MENDONÇA, 1973; BASTIDE, 1971; BRANDÃO, 1968; BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; SOARES, 1954; SENNA, 1938, 1921; RAIMUNDO, 1933. **carunga.** rio. LOPES, 2003.
- **kalunga.** *quimb.* mar, rio, abismo, deus. MAIA, 1964. **okalunga.** *umb.* mar. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954. **okalunga.** *olun.* mar. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.
- ▲ **camará.** Companheiro. *erê cuenda/oi cuenda cuenda, oi camará.* Capitão Ivo Silvério da Rocha. RAJÃO, 2000, Serro.
- ▼ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

- ◆ **camará.** camarada, termo muito empregado em cânticos folclóricos. CASTRO, 2001, Bahia.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- **kamba, dikamba.** *quimb* companheiro, amigo. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **ekamba.** *quic.* companheiro. MAIA, 1964. **ekamba. umb.** amigo. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954.
- camera.** [?] *Padre Nosso com Ave Maria/seculo camera que tanazambê/tanazambê, ê/tanazambê, ah/bamba jambê, ah/bamba jambê, ah.* Capitão Ivo Silvério da Rocha. DIAS, 2001, Serro.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- canau.** [?] *uai cacundê iauê / uia cacundê iauê / iaqué casabá daboada... / canau é devera jé / canau é devera jé.* Capitão Jair Teodoro de Siqueira. DIAS, 2002, Matição.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
 - Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
 - Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- casabá.** [?] *oia cacumbê iauê/oia cacumbê iauê/oia cacumbê iauê/iaqué casabá oaú.../canaú é devera é /canaú é devera é.* Capitão Jair Teodoro de Siqueira. DIAS, 2002, Matição.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
 - ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **tata-quinçaba.** o encarregado das folhas, da plantação. CASTRO, 2001, Bahia.
 - Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
 - **kisaba.** *quimb* folha. MAIA, 1964.
- caxambu.** [tambor] *Minha mãe mandô me chamá/lá no pé de mulungu/oi de dia plantá bananera/oi de noite tocá caxambu.* DIAS, 2001, Jatobá.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
 - ▼ 1. tambor grande, tipo de membrafone, atabaque. 2. dança afro-brasileira, semelhante ao batuque e com canto, ao som de tambor e de cuícas; jongo. Nomeia córrego em Aiuruoca, Boa Esperança, Carmo da Mata,

Conceição do Pará, Consolação, Cristina, Dores do Campo; Iapu, Igaratinga, João Pinheiro, Passa Quatro, Piedade dos Gerais, Pitangui, Rio Piracicaba, Piüi, Santos Dumont; localidade em Conceição do Pará, Mesquita e São João Del Rey; fazenda em Boa Esperança, Bom Jardim de Minas, Cambuí, Campo do Meio, Carmo da Cachoeira, Carmo da Mata, Conceição dos Ouros, Piüi, Sacramento, Santana da Vargem, Santos Dumont, Senador Amaral e Tapira; povoado em João Pinheiro e Pitangui; morro em Pimenta e Pouso Alto; ribeirão em Cambuí, Sacramento, Santo Antônio do Amparo e Senador Amaral; serra em Arantina e Itaúna; e cidade

em Caxambu. **caxambuzinho.** Nomeia córrego e fazenda em Dores do Indaiá. LIMA, 2012.

caxambu de baixo. Nomeia localidade em Dores do Campo e fazenda em Santo Antonio do Amparo. LIMA, 2012.

caxambu de cima. Nomeia fazenda em Santo Antonio do Amparo. LIMA, 2012.

◆ **caxambu.** 1. espécie de membrafone, atabaque. 2. topônimo. CASTRO, 2001, Bahia.

■ **caxambu.** 1. tipo de tambor. 2. topônimo. LOPES, 2003; AURÉLIO, 1975; MENDONÇA, 1973; BEAU-REPAIRE-ROHAN, 1956; SOARES, 1954; SENNA, 1938; LAYTANO, 1936; RAIMUNDO, 1933.

- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

caxinganguelê. morto, espírito do morto. *ô caxinganguelê/vai-se embora com Deus/com Deus, com Deus/vai-se embora com Deus.* Capitão Ivo Silvério da Rocha. DIAS, 2001, Serro.

▲ **caxinganguelê, caxinguin-guelê.** defunto. SIMÕES, 2014, Milho Verde.

- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ **caxinguelê.** indivíduo magro, feio e de pequena estatura; mau caráter. CASTRO, 2001, Bahia.

■ **caxinguelê, caxinguelê, caxinguelê.** 1. designação comum a várias espécies de mamíferos roedores 2.

porco-espinho. 3. fig. sujeito magro e esperto. 4. Cascudo afirma que para muitos, na Amazônia, a alma sobe ao céu sob a forma de acutipuru (nome que ali recebe o caxinguelê), animal admirado por sua capacidade de descer de troncos altos de cabeça para baixo. CASTRO, 2001; CASCUDO, 1984; AURÉLIO, 1975; MENDONÇA, 1973; BEAU-REPAIRE-ROHAN, 1956; SOARES, 1954; SENNA, 1938 E 1921; RAIMUNDO, 1933.

- **xinjangele.** *quimb.* rato. MAIA, 1964.

conenga, conengô. [?] *ê no injó de jequê me conenga tata/aqui nesse reino conengô tata/ê conengô com tata lá no injó de*

jejuê. Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.

- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

congá. Ver *congado*.

congada. Ver *congado*.

congado. dança ritual em grupos chamados *ternos* ou *cortes*, executada durante a festa de N. S. do Rosário. *saravá o povo de*

ingomba auê/saravá o povo de Moçambique/oia o povo de congado ouê/ô no jira ni cunda no jira. Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.

- ▲ **congá.** o mesmo que Congado. *Ela é dona do conga, Sá Rainha*. PEREIRA; GOMES, 2000, Arturos.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **congada.** auto popular durante o qual se celebra a coroação do rei do Congo, o Manicongo, e da rainha Jinga. CASTRO, 2001, Bahia.
- **congado.** auto popular no qual se celebra a coroação do rei do Congo e de sua rainha. AURÉLIO, 1997; MENDONÇA, 1973; BASTIDE, 1971; GOMES, 1948; SENNA, 1938; RAIMUNDO, 1933.

- **kongo.** *quimb.* grande extensão de terra de antigo reino de mesmo nome. ASSIS JR., [19--]. **nkunga.** *quic.* canto, cantiga. COBE, 2010; MAIA, 1964.
- **cuenda.** [andar] *erê cuenda/oi cuenda cuenda oi camará.* Capitão Ivo Silvério da Rocha. RAJÃO, 2000, Serro.
- ▲ **cuendá(r).** andar. BYRD, 2005, Patrocínio; **cuenda, cuendar.** andar. VOGT; FRY, 1996, Alfenas; **uendar.** VOGT; FRY, 1996, Milho Verde; **ocuenda.** entrar. GONÇALVES, 1995, Jatobá; **ocundá.** ir. GONÇALVES, 1995, Jatobá. **uenda.** andar, entrar. GONÇALVES, 1995, Jatobá; **koendar, kuendar.** BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo; **cuendê,**
- **oenda.** MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada.
- **ocundá-bambi.** época de frio. GONÇALVES, 1995, Jatobá.
- **ocundá-merê.** vamos fazer amor. GONÇALVES, 1995, Jatobá.
- **ocunda-tunda.** levar. GONÇALVES, 1995, Jatobá.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **cuendá, quendá.** andar, partir, viajar. CASTRO, 2001, Bahia. **cuendá.** chegar, pôr, vir, pegar, ir, gerar, jogar, buscar, fugir, correr, levar, trazer, andar, etc. indica ação. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- ◆ **cuendá pra cogenga carunga.** falecer. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

- **cuendar.** andar. LOPES, 2003.
- **quendá.** topônimo. SENNA, 1938.
- **kuenda.** *quimb.* andar, caminhar, viajar. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--].
- **okuenda.** *umb.* andar. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954.
- **olun.** andar. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.
- **kwenda.** *quic.* caminhar. COBE, 2010.
- **cuicama.** [?] *abá cuna Zambí pala oso / aiabá cuicama cana abá / apaninjé / ê ê ê aruê, aruê, aruê / ê ê ê aruê, aruê, aruê.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- **cumbara.** cidade. *eu saí lá do injó de tata/conenga tata no injó de jequê/eu saí lá do cumbara eu é pequenino/aqui nesse reino do tamain de agúia.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.
- ▲ cidade. **cumbara-nêne.** cidade. Cidade, comércio. SIMÕES, 2014, Milho Verde; comércio, cidade. SIMÕES, 2014, Espinho; **cumbaca, cumbe.** cidade, vila. BYRD,

2005, Patrocínio; VOGT; FRY, 1996, Patrocínio; **kimbo**. cidade, vila. BYRD, 2005, Patrocínio; **kumbara**. cidade. NASCIMENTO, 2003, São João da Chapada; **cumbara, incumbara**. *O orumo é do cumbara avura*. O carro é da cidade grande. QUEIROZ, 1998, Tabatinga; **cumbairaiêto**. cidade grande. VOGT; FRY, 1996, Milho Verde; **kumbaca, kumbara, kunebara**. cidade. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo; **combaro**. lugar habitado. MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada. **cumbara**. cidade, lugar habitado. DORNAS Fº, 1938, Itaúna. **cumbara de São Pedro**. cemitério (*lit.* cidade de São Pedro). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

cumbara uarrufo. cemitério (*lit.* cidade brava). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

kumbara maiorai. cidade. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

combaro catita. lugar pequeno, comércio, arraial. MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada.

combaro uonene. cidade. MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada.

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ **cumbara**. cidade. CASTRO, 2001, Bahia. **ambará**. cidade. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó; VOGT; FRY, 1996, Cafundó. **cumbara, umbara**. cidade, povoado. VOGT; FRY, 1996, Mogi das Cruzes.

- ambara nâni.** vila. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- ambara vavuro.** cidade grande. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- **cumbaca, cumbara.** cidade. LOPES, 2003.
- **mbaka, kimbaka.** *quimb.* cidade. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **mbála.** *quimb.* vila, aldeia. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **ombala.** *umb.* cidade. LE GUENNEC; VALENTE, 2010.
- cumetavita. [?] *otê... oteque ouê.../ Pade Nosse com Ave Maria, auê.../seculo cumetavita, auê/ê inganazamba punga auê.../auê, auê, ô...* Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- cuna.** [?] *abá cuna zambi pala oso/aiabá cuiama cana abá apaninjê/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- **kuná.** *quimb.* além. ASSIS JR., [19--]; MAIA, 1964.
- **cunda.** [?] *saravá o povo de ingomba auê/saravá o povo de Moçambique/oia o povo de congado ouê/ô no jira ni cunda no jira.* Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- **curiá.** comer. *aqui neste reino curiô com dambi/eh, dambiojira cafom de vindero ocaia.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.
- ▲ comer. SIMÕES, 2014, Milho Verde. enino. *Se tinha muito menino aqui, eles tratava criança de curiá.* PEREIRA, 2005, Contagem-MG. comer. BYRD, 2005, Patrocínio. comer. *Abre a porta, meus filin, leite no ub'ro, farinha na cuia pa curiá, oi qui!* QCCAP, 2004. 1. Comer. *Precisano fazê cureio, num tem jeito de*

curiá, porque num caxa ingura. Precisano fazê comida, num tem jeito de comê, porque num tem dinheiro. 2. copular. *Esse cuete tava tipurano com uma ocora aí no conjolo da matuaba. Eu falei: cuete, num dá prá curiá. Ele falô assim: nós rasta pro sengue. Esse cara tava paquerano com uma mulhé velha aí no bar. Eu falei: cara, num dá pra comê. Ele falô assim: nós vai pro mato.* QUEIROZ, 1998, Tabatinga; **curiar.** comer. Beber. VOGT; FRY, 1996, Alfenas e Milho Verde; comer. VOGT; FRY, 1996, Patrocínio; **curiar.** comer. VOGT; FRY, 1996, Alfenas; **curiá.** comer. DORNAS Fº, 1938, Itaúna; **kuriar.** comer. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo; **kuriatar.**

almoçar. Comer. **batinga**, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

amparo de cúria(r). garfo. BYRD, 2005, Patrocínio;

amparo de kuriar. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

apumar cúria(r). comer. BYRD, 2005, Patrocínio;

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ **cuniá.** comer. Var. *curiá.* CASTRO, 2001, Bahia. **cunuar.** beber. VOGT; FRY, 1996, Cafundó.

curiar. comer. VOGT; FRY, 1996, Mogi das Cruzes.

■ **curiar.** comer. LOPES, 2003; MENDONÇA, 1973; SOARES, 1954; LAYTANO, 1936; RAIMUNDO, 1933.

● **kuria.** *quimb.* comer, comida. ASSIS JR., [19--]. **kudiá.** *quimb.* comer, comida. MAIA, 1964.

- okulia.** *umb.* comer, comida. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954. **dya.** *quic.* comer. COBE, 2010. **okuria.** *olun.* comer. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.
- curimá.** trabalhar. *oia eu vim lá de Angola/eu vim aqui curimá/ah, eu vim do calunga/eu vim aqui trabucá.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.
- ▲ **curimá(r).** trabalhar. BYRD, 2005, Patrocínio. **curimbá,** **curimá.** trabalhar. *Oia, gente, eu preciso curimbá um poquinho, porque esse curimbo meu tem que entregá hoje.* Oia, gente, eu preciso trabalhá um poquinho, porque esse trabalho meu tem que entregá hoje. QUEIROZ, 1998, Tabatinga; **curimar.** trabalhar, rezar. VOGT; FRY, 1996, Patrocínio; dançar. VOGT; FRY, 1996, Alfenas. **curimbar.** cantar. VOGT; FRY, 1996, Alfenas; **kurimar.** trabalhar. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **curimá.** trabalhar. CASTRO, 2001, Bahia. **curimá.** trabalhar, fazer, produzir, preparar. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó. **curimar.** trabalhar, rezar. VOGT; FRY, 1996, Cafundó e Mogi das cruces. **curima da mucanda.** livro. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó. **curima de jambi.** festa religiosa. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

curima do adufo e do fole.

música. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

curima do nangá do adufo.

música. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

curima do palulé.

futebol, dança. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

curima do palulé do pelotão.

futebol. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

curima do palulé da picópia do nangá do adufo.

dança. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

■ **curimar.** trabalhar. LOPES, 2003.

● **culimar.** lavar a terra. FERREIRA, 1997.

- **okulima.** *umb.* lavar a terra. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954. **kurima.** *quimb.* lavar a

terra, capinar. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **okuringa.** *olun.* trabalhar. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.

daboada. [?] *uai cacundê iauê / uia cacundê iauê / iaqué casabá daboada... / canau é de vera jé / canau é de vera jé.* Capitão Jair Teodoro de Siqueira. DIAS, 2002, Matição.

- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.

- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo. Ver *dambi*, *jira*.

dambi. Ver *zambi*.

dambiojira. [?] *aqui neste reino curiô com dambi/eh, dambiojira cafom de vinder ocaia.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.

- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.

- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

- ◆ **zambi, inzambi.** deus supremo. **gangazambi, ganganzambi, inganazambi, angananzambi, angananzambi-opungo, ganganzambi.** deus, ser Supremo. CASTRO, 2001, Bahia. **jambi.** deus, santo. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó. **ingananzambe.**

deus, santo. VOGT; FRY, 1996, Cafundó. **jira.** 1. oração, reza, o ato de louvar as divindades em congo-angola; sessão de umbanda. CASTRO, 2001, Bahia. **unjira.** caminho, rua. nome de Bambojira. CASTRO, 2001, Bahia. **jambi vimbundo.** São Benedito. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

- **zambi.** 1. deus. 2. chefe. 3. topônimo. LOPES, 2003; AURÉLIO, 1975; MENDONÇA, 1973; BASTIDE, 1971; SOARES, 1954; SENNA, 1921, 1938. **manjira, ongira.** caminho. LOPES, 2003.
- **nzambi, ngana, ngana-nzambi, nzambi-pungu.** *quimb* deus. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **nzambi.** *quic.* deus. COBE, 2010; MAIA, 1964. **ngãla njambi.** *umb.* deus. GUENNEC;

VALENTE, 2010. **onjila**. *umb. caminho*. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954. **njila**. *quimb. caminho*. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **nzila**. *quic. caminho, rua*. COBE, 2010; MAIA, 1964. **ondyila**. *olun. caminho*. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896. Ver *jira e zambi*.

dimanga. [?] *zambi dimanga zambi no jira tingô auê.../Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadô/oa Santa Maria, mãe de Deus/rogai por nós, pecadô*. Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.

- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

dipupi, dipupu. [entender, falar] *ô indamba anganzambi punga auê.../duro cum bambi/dipupi aiovê, auê.../ê duro cum zambi/dipupu aiovê*. Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.

- ▲ **copiá(r), cupiá(r)**. entender. BYRD, 2005, Patrocínio. **copiar**. falar. VOGT; FRY, 1996, Alfenas; **ocupupiá, pupiá**. GONÇALVES, 1995, Jatobá; **copiá**. entender.

BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/
Triângulo;

tupiandaca. mentira. BYRD,
2005, Patrocínio. BATINGA, 1994,
Alto Paranaíba/Triângulo.

pupia-indaca. conversar fiado,
falar língua de negro. GONÇAL-
VES, 1995, Jatobá.

pupia-ocundá. gritar. GONÇAL-
VES, 1995, Jatobá.

pupia-xiacala. rezar. GONÇAL-
VES, 1995, Jatobá.

pupiando undaka. falando
besteira. *olhem que não estou
pupiando undaka.* GONÇALVES,
[1994], Jatobá.

- ▼ Não encontrada nos registros de
nomes de lugares em Minas.
- ◆ **cupópia.** voz, som, ronco, con-
versa, a fala africana do Cafundó
e do antigo Caxambu. ANDRADE

Fº, 2000, Cafundó; voz, fala,
verdade. **cupopiá, cupopiar.**
falar. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó;
VOGT; FRY, 1996, Cafundó. **cupo-
piadó.** língua, rádio. ANDRADE Fº,
2000, Cafundó.

coçumbadô de cupópia. grava-
dor. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

cupópia do arambuá. latido.
ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

cupópia de ingômbi. relin-
cho, mugido. ANDRADE Fº, 2000,
Cafundó.

cupópia da muchinga. espirro.
ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

cupópia do vimbundo. fala
africana do Cafundó e do antigo
Caxambu. ANDRADE Fº, 2000,
Cafundó.

cupópia do orofômbi. língua portuguesa. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

cupópia do chipuco. flatulência. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

cupópia do adufo e do fole. música. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

cupópia vavuro. verdade. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

cupópia do ramunhau. miado. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

cupopiadô e coçumbadô do quilombo. telefone. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

■ **cupópia.** conversar. LOPES, 2003; FERREIRA, 1997.

● **okupopia.** *umb.* falar. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954. *olun.* falar. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.

eledá. [Deus] *messaquilibu babá oquê/mulendi eledá/muna ualê e duaiê/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

▲ Não encontrada nos registros de falares, cantos e contos africanos em Minas.

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ **eledá.** Deus, criador do universo. **eledãá.** *ior.* CASTRO, 2001, Bahia.

■ **eledá.** Anjo da guarda entre os feiticeiros do Rio de Janeiro. *Etim.: ior.* SENNA, 1938; RAIMUNDO, 1933.

● Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

erê. [?] *intj. erê cuenda/oi cuenda cuenda, oi camará.* Capitão Ivo Silvério da Rocha. RAJÃO, 2000, Serro.

- ▲ Não encontrada nos registros de falares, cantos e contos africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **erê.** Um dos estados de transe; espíritos infantis também cultuados pelos iniciados ao lado da divindade a que foram consagrados. Agem como crianças, traquinas, portam um atori e falam, com voz infantil, uma linguagem em português truncado, misturando palavras e expressões de origem africana, com improprios e obscenidades, como *gará, milonga, misacrê, xibungo.*

Acredita-se ainda serem eles os assistentes das divindades.

elèèrè, egbére. *ior.* CASTRO, 2001, Bahia.

- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimundo e umbundo.

gana. Ver *angana.*

gimba. cigarro. *oia tico-tico subiu no coquero/quando desceu me desceu a cavalo/eh, levou minha gimba.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.

- ▲ cigarro. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
 - Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
 - Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- gonga.** [instrumento musical]. *ê zambi... ei, minha gonga é de nhá pai/essa gonga é de nhá vô, ai/ê zambi...* DIAS, 2001, Arturos.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
 - ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
 - ◆ **gongá.** santuário, templo congolângola, geralmente ao ar-livre, em espaço aberto. CASTRO, 2001, Bahia.
 - **gongá.** 1. sabiá. 2. pequena cesta com tampa. AURÉLIO, 1975.
 - **ngóngá.** *quimb.* instrumento músico de uma só corda. ASSIS JR., [19--].
- gunga.** instrumento de percussão feito de latas com furi-nhos e enchimento de sementes usado pelos dançarinos nas pernas na festa do Rosário. *Eu mexeu na gunga/coração doeu/gunga de meu pai/meu coração doeu.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes. *Ô, vô firmá a minha gunga/pro terrero serená/vamo firmá nossa ingoma/ô, pra nossa festa começá.* Capitão Dirceu Ferreira Sérgio. DIAS, 2001, Justinópolis;
- ▲ **gunga, cumba.** sino. SIMÕES, 2014, Milho Verde. sino. BYRD,

2005, Patrocínio; latinhas com esferas de chumbo em seu interior e que são amarradas aos tornozelos dos dançantes da guarda de Moçambique; campanha; sinete usado durante o cativoiro, preso ao tornozelo dos escravos, pra denunciar-lhes as fugas. PEREIRA; GOMES, 2000, Arturos. sino, guiso. VOGT; FRY, 1996, Milho Verde.

angunga-chique. chique de vime que atam nas pernas para a dança. DORNAS F^o, 1938, Itaúna.

marrá gunga. advertência; canto tirado para alguém que está com as gungas nas mãos: ele deve amarrá-las nas pernas e entrar na dança, pois

ela foram feitas para trabalhar. PEREIRA; GOMES, 2000, Arturos.

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ **gunga.** 1. berimbau médio, geralmente acompanhado do contra-gunga; também é instrumento consagrado a Sultão da(s) Mata(s) e usado apenas durante as festas cerimoniais. 2. homossexual. 3. ladrão. CASTRO, 2001, Bahia.

■ **gunga.** 1. sino. 2. chefe. 3. alguns jogos. 4. berimbau. 5. topônimo. LOPES, 2003; AURÉLIO, 1975; SENNA, 1938; RAIMUNDO, 1933.

● **ongunga.** *umb.* sino. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954. *olun.* sino. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.

ngunga. *quimb.* qualquer instrumento sonoro. *sino.* MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **ngunga.** *quic.* *sino.* COBE, 2010.

iauê, ouê, auê, aiué. *oia cacumbê iauê/oia cacumbê iauê/oia cacumbê iauê/iaqué casabá oaú.../canaú é devera é /canaú é devera é.* Capitão Jair Teodoro de Siqueira. DIAS, 2002, Maticção. [?] *otê... oteque ouê.../Pade Nosse com Ave Maria, auê.../seculo cumetavita, auê/ê inganazamba punga auê.../auê, auê, ô... Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.* frequente nos cantos, ao final dos versos, muitas vezes com sentido melancólico. *Pade Nosse com Ave Maria, auê.../seculo cumetavita, auê/ê inganazamba*

punga auê.../auê, auê, ô... Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.

- ▲ **aiué.** [...] *aiué, congo verá, á.* MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada. **aué-ué.** Expressão exclamativa. GONÇALVES, 1995, Jatobá.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **auê.** 1. saudação em queto equivalente a “meu camarada”. 2. saudação precedida de “com licença”, muito frequente nas cantigas de caboc(l)o e congo-angola, uma espécie de refrão, a exemplo de “Cum licença auê, cum licença auê, cum licença de Zambiapongo, cum licença auê”. 3. Confusão, tumulto. CASTRO, 2001, Bahia.

- **auê.** saudação. SENNA, 1938.
- aiué.** interjeição de alegria zombeteira, de gracejo. AURÉLIO, 1975; SOARES, 1954.
- **aiué.** *quimb.* Ai! MAIA, 1964.
- aiué.** *quimb.* Oh! MAIA, 1964.
- aiué.** *quimb.* interjeição de dor. ASSIS JR., [19--].
- inganazamba punga.** Ver *zambi*.
- indamba.** [mulher] *ê inganazamba punga auê.../auê, auê, ô... /ô indamba angananzambi punga auê...* Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá;
- ▲ **andambe, indambe.** mulher; palavra feia. SIMÕES, 2014, Milho Verde. **indumba.** moça. BYRD, 2005, Patrocínio; **andambe.** mulher. NASCIMENTO, 2003, São João da Chapada; **indumba.** mulher, moça. VOGT; FRY, 1996,

Patrocínio; **indame.** fogo, mulher. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo; **indamba, andambi, mdambi.** mulher. *Andambi, ucumbi u atundá. Curima aiô mdambi.* MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada; **mandumba.** DORNAS Fº, 1938, Itaúna.

andambe ocaio. mulher da vida livre. SIMÕES, 2014, Milho Verde.

indame de sukano. moça namorada. Virgem. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

indame oteka. mulher preta. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

indame sucanada. mulher casada. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

amparo de indame. sapato. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ **indumba.** 1. prostituta. 2. homossexual. CASTRO, 2001, Bahia. **indam, indumbe.** mulher. VOGT; FRY, 1996, Mogi das Cruzes.

■ **indambe, indumba.** mulher. LOPES, 2003.

● **andumba.** *quimb.* moças. **ilumba.** *quimb.* mulher, moça. **kalumba.** *quimb.* moça. **ndumbu.** *quimb.* prostituta. **ndumbe.** *quimb.* noviça. MAIA, 1964. **kandumba.** *quic.* moça. MAIA, 1964. **ndumba.** *quic.* moça. COBE, 2010.

ingoma. tambor. *ê conengô com tata lá no injó de jequê/aqui nesse reino no injó de jequê/o timbojira cafom de vindero/no injó de jequê ingoma.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes. *mandei lá na Angola buscar minha pai/buscar minha pai, buscar minha pai, oia lá/ eu canto meu ponto, meu pai vai chegar/me chora ingoma.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes. *eh jombin, me chora, ingoma/ê mamãe, meu pai vai chegar, meu pai vai chegar.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes. *Sá Rainha, no dia de hoje/ingoma chegô viajô/veio pra te*

visitá no seu palácio te encontrô/chora ingoma iá. DIAS, 2001, Jatobá

ô, vô firmá a minha gunga/pro terreo serená/vamo firmá nossa bingoma/ô, pra nossa festa começá. Capitão Dirceu Ferreira Sérgio. DIAS, 2001, Justinópolis.

- ▲ *Oi, ingoma, oia lá.* PEREIRA, 2005; **nagoma.** BYRD, 2005, Patrocínio; grupo de dançantes do Congado; referência ou chamado aos componentes da guarda de Moçambique; o conjunto da herança recebida dos antepassados; diz-se *ingoma* – vocativo – quando todo canto está bonito. PEREIRA; GOMES, 2000, Arturos. **angoma.** GONCALVES, 1995, Jatobá.

ingoma casaca. revólver. NASCIMENTO, 2003, São João da Chapada.

- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **engoma, ingoma, zingoma.** tambor cilíndrico, de uma face, usado nas cerimônias congol-angola. CASTRO, 2001, Bahia.
- grande tambor de uma só membrana, usado nos candomblés bantos (angolas e congo) e também em certas danças folclóricas (p. ex. bambelôs, cocos, jongos, etc.). LOPES, 2003. **ingomba, ingome, ingono.** tambor. AURÉLIO, 1997.
- **ngoma. quimb.** tambor. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **ngoma. quic.** tambor. COBE, 2010. **ongoma. umb.** tambor (termo

genérico). GUENNEC; VALENTE, 2010. *olun*. tambor. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.

injó. casa. *eu saí lá do injó de tata/conenga tata no injó de jequê/eu saí lá do cumbara eu é pequenino/aqui nesse reino do tamain de agúia*. Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.

▲ **onjó**. casa, igreja, rancho, venda. SIMÕES, 2014, Milho Verde; **injó**. BYRD, 2005, Patrocínio. **onjó**. Casa. NASCIMENTO, 2003, São João da Chapada; **bonjó**, **conjó**. altar. PEREIRA; GOMES, 2000, Arturos. **conjolo**, **conjor**, **conjô**, **canjolo**. 1. casa. *Mora longe daqui, no sengue. Então caxô conjolo no sengue*. Mora longe daqui, na roça. Então fez

casa na roça. 2. gaiola. **con-jolozim**. casinha. *Nois injira prum conjolozim acatita no sengue, né?* Nós vai pruma casinha pequena na roça, né? QUEIROZ, 1998, Tabatinga. **injó**, **onjó**, **conjolo**. casa. VOGT; FRY, 1996, Alfenas e Patrocínio; **onjo**, **enjo**. VOGT; FRY, 1996, Milho Verde; **onjó**. GONÇALVES, 1995, Belo Horizonte; **injó**, **sinjó**. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/ Triângulo; **onjó**. casa, rancho, cafua. MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada; **Injó**, **undió**. habitação, casa. DORNAS Fº, 1938, Itaúna. **amparo de injó**. parede. VOGT; FRY, 1996, Patrocínio.

injó de banzo. bordel. BYRD, 2005, Patrocínio; BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

injó de gonga. cadeia. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

injó de grade. cadeia. BYRD, 2005, Patrocínio; BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

injó de imbune, injó de kamano, injó de kimbe, injó de kimbunde, injó de vimbune. casa dos mortos. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

injó de isipaco injó de zipoque. banco. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

injó de kamano, injó de kibunde, injó de marafa, injó de marau, injó de omeia. boteco, bar, venda, bodega,

botequim. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

injó de marafo. boteco, bar, venda, bodega, botequim. BYRD, 2005, Patrocínio; BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

injó de manja. loja de roupas. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

injó santa. igreja. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.

injó santo. igreja. BYRD, 2005, Patrocínio.

injó de indiami. igreja. DORNAS Fº, 1938, Itaúna.

injó de zipaque. banco. BYRD, 2005, Patrocínio.

onjó-ocó-oronanga. bolso (casa, buraco, roupa). GONÇALVES, 1995, Jatobá.

conjó joviti. cemitério. DORNAS Fº, 1938, Itaúna.

conjolo caxá omenha. sanitário (*lit.* casa de verter água). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo das ingura. banco (*lit.* casa dos dinheiros). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo das ocaia. bordel (*lit.* casa das mulheres). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de camberela. açougue (*lit.* casa de carne). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de conjema. cemitério (*lit.* casa de morte). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de covera. hospital (*lit.* casa de doença). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de curimba. local de trabalho (*lit.* casa de trabalho). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de fazê omenha. sanitário (*lit.* casa de fazer água). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de granjão. igreja (*lit.* casa de Deus). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de grosope. bar (*lit.* casa de cerveja). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de ingura avura. banco (*lit.* casa de dinheiro muito). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de matuaba. bar (*lit.* casa de cachaça). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de ocaia do cuxipo. bordel (*lit.* casa de mulher

da boceta). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de omenha. sanitário (*lit.* casa de água). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de orum. posto de gasolina (*lit.* casa de carro). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de rastá longado. clube, casa de dança (*lit.* casa de arrastar rebolado). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo de urunanga. loja de roupas (*lit.* casa de roupa). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo do longado. clube, casa de dança (*lit.* casa do rebolado). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo do tipequera eterno. cemitério (*lit.* casa da

cama eterna). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo do undara. usina siderúrgica (*lit.* casa do fogo). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo dos cuete ocora. asilo (*lit.* casa dos homens velhos). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo dos fitá conjema. cemitério (*lit.* casa dos fitar morte). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo dos gombê. curral (*lit.* casa dos bois). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo dos pé junto. cemitério (*lit.* casa dos pés juntos). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

conjolo dos viriango. cadeia (*lit.* casa dos soldados). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **unzó, injó.** casa, terre(i)ro. CASTRO, 2001, Bahia. **injó.** casa. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó; VOGT; FRY, 1996, Cafundó.
- injó da conena.** privada. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- injó da marrupa.** dormitório. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- injó da mucanda.** escola. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- injó da anguara.** bar. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- injó de Alá.** céu, igreja. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- injó de Alá no túri.** igreja. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- injó do michingrim do túri.** formiga. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó da cupópia. emissora de rádio. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó da cupópia e da caméria. emissora de televisão. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó do arambôngui vavuro. banco. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó de curimá o ingômbi do andarú. oficina mecânica. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó do injequê do nangá. loja de guarda-roupa. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó da conena. privada. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó de cupópia e de coçumbá a cupópia. sala. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó de Turpã. céu, igreja.

ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó do cutaro. igreja. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó de ingrime. bar. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó do maiêmbi. hospital, farmácia. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó do variá. cozinha, venda, restaurante. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó que cúipa caxapura. hospital. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó do nangá do palulé. sapataria. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó do nangá. loja de roupas. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó do Jambi no túri. igreja. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injó do cambererá. açougue.

ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tenhora do túri no injó. vassoura. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

■ **injó.** casa. LOPES, 2003.

● **onjo.** *umb.* casa. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954.

nzo. *quic.* casa. COBE, 2010; MAIA, 1964. **inzo.** *quimb.* casa. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--].

jambê, jombê, jombá. [?] é *jambê, ê jambê, ê jombá/veio aprender meu pai vai chegar/ eh jombin, me chora, ingoma/ê mamãe, meu pai vai chegar, meu pai vai chegar.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes. *ê jambê, ê jombê, ê jombá/a jombá de nego vai deixar*

saudade/ê jombin, me chora, ingoma. Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.

- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

jequê. [?] ê, *dambiojira cafom de vindero ocaia/ô, dambiojira ocaia cafom de vindero no injó de jequê.* Capitão Julio Antônio

Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.

▲ **jequê, jiquê.** caixa. BYRD, 2005, Patrocínio; **jequê, injequê, jiquê, jiqui, indiequê.**

1. Buraco. *Fomo caxá o teia no jiqui, no conjô dele.* Fomo pegá o tatu no buraco, na casa dele.
2. barriga. *O jequê da ocaia tá avura.* A barriga da mulhé tá grande.
3. boca. *Eu caxo undara nu injequê. Cê tamém caxa.* Eu tenho oro na boca. Cê tamém tem. QUEIROZ, 1998, Tabatinga; **injequê.** Saco, receptáculo, copo, vasilha. VOGT; FRY, 1996, Alfenas; **jequê.** bolso. caixa. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo; **njequê.** capanga, sacola. MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada; **indiequê.**

- capanga, saco pequeno. DORNAS Fº, 1938, Itaúna.
- jequê de caxá conema.** ânus (*lit.* buraco de fazer fezes). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.
- jequê de cureio.** 1. boca. 2. barriga (*lit.* buraco de comida). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.
- jequê de curiá.** 1. boca. 2. barriga (*lit.* buraco de comer). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.
- jequê de mavera.** seio (*lit.* buraco de leite). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.
- jequé de ingome.** carro de boi. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.
- jequé de nanja.** bolso. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **indiequê.** sacola usada a tiracolo. CASTRO, 2001, Bahia.
- injequê.** saco, copo, vasilha. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó; VOGT; FRY, 1996, Cafundó.
- injequê do andar de curimá o variá.** fogão. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- injequê do bambi vavuro.** geladeira. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- injequê de conoá nhapecava.** caneca, copo, xícara. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- injequê de cuendá o variá curimado na andaru.** mesa. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.
- injequê de cuendá o vva no nhoto.** bacia. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê do andaru. fogão, forno, lâmpada, lampião. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê do andaru de curimá o bicuanga. forno. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê do arambôngui. bolsa, carteira. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê do avere do cama-naco. seios. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê do vacaio. cachimbo. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê do mutombinho. amendoim. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê do nhapecava. bule. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê do orofim. pilão, gamela. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê do variá. panela, prato. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê do vava no túri. poço. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê do vava. nuvem, poço. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê nâni do andaru. lâmpada, lampião. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê do nangá. guarda-roupa. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequê imbere. escroto, testículos. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

injequezinho do andaru. lâmpada, lampião. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

- **injequê.** saco. LOPES, 2003.
- **nzeke.** *quimb.* saco. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **onjeque.** *umb.* saco. GUENNEC; VALENTE, 2010. **ondyeke.** *olun.* saco. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.
- jira.** *saravá o povo de ingomba auê/saravá o povo de Moçambique/oia o povo de congado ouê/ô no jira ni cunda no jira.* Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.
- ▲ **ongira, ungira.** caminho. SIMÕES, 2014, Milho Verde, **manjira.** caminho, rua. BYRD, 2005, Patrocínio; **injira, injiro.** caminho. *É pegá o injira do curima memo, né? É curimá memo. É pega o caminho do trabalho memo, né? É trabalhá memo.* QUEIROZ, 1998,

Tabatinga-MG; **manjira, ongira.** estrada, caminho. VOGT; FRY, 1996, Alfenas; **ngira.** caminho. *Era um capiau meio cambembe, carregando nos ombros um cacumbi, cantando pela ngira uma cantiga pra lá de desafiada, mas ele estava de bem com Nzambi e com a besta da sua vida.* GONÇALVES, [1994], Jatobá. **angira, gira, ongir, ongira.** caminho. GONÇALVES, 1995, Jatobá; Alfenas; MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada. **na injira de tipura de tin-hame.** a pé (*lit.* no caminho de ida de pé). QUEIROZ, 1998, Tabatinga. **coisa de injira de cureio.** comida (*lit.* coisa de caminho

de comida). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

fazê injira. transportar (*lit.* fazer caminho). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

angira-cundá. sair. GONÇALVES, 1995, Jatobá.

angira-cundá-tunda. fugir apressado. GONÇALVES, 1995, Jatobá.

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ **unjira.** caminho, rua. nome de Bambojira. CASTRO, 2001, Bahia.

■ **manjira, ongira.** caminho. LOPES, 2003.

● **onjila.** *umb.* caminho. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954.

njila. *quimb.* caminho. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **nzila.** *quic.* caminho, rua. COBE, 2010;

MAIA, 1964. **ondyila.** *olun.* caminho. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.

marungo. [companheiro] *muenha cuna marungo/na Aruanda saravá/muenha cuna marungo/na Aruanda saravá.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

▲ **malungo.** companheiro. SIMÕES, 2014, espinho, BYRD, 2005, Patrocínio. num primeiro momento, o nome dado ao companheiro que veio no mesmo navio negreiro. GONÇALVES, 1995, Jatobá. **marungo, malunga.** da mesma idade. VOGT; FRY, 1996, Patrocínio.

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

- ◆ **malungo.** 1. companheiro, irmão de barco. 2. (arcaico) o negro companheiro da embarcação de África; (p. ext.) irmão-de-criação ou irmão-de-leite. **malunga.** 1. Bracelete de ferro. 2. Aguardente, cachaça. CASTRO, 2001, Bahia.
- **malungo.** companheiro que está na mesma condição ou pertence ao mesmo dono ou fazenda. LOPES, 2003; AURÉLIO, 1975; SILVEIRA, 1975, 1974; MENDONÇA, 1973; BASTIDE, 1971; BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; SOARES, 1954; SENNA, 1938, 1921; LAYTANO, 1936; RAIMUNDO, 1933; PIRES, 1921; APOCALYPSE, [s.d.]. **malunga.** 1. argola. 2. aguardente. LOPES, 2003; AURÉLIO, 1975; MENDONÇA, 1973.
- **ulungo.** *quimb.* **lungu.** *quic.* barco, embarcação. MAIA, 1964. **malúnga.** *quimb.* argolas, pulseiras. MAIA, 1964; ASSISJR., [19–]. **nlunga.** *quic.* argolas, pulseiras. COBE, 2010; MAIA, 1964; **ochinunga, ocinunga.** *umb.* pulseira. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954.
- **marachangê.** [?] *ô marachangê/ô/ô marachangê.* RAJÃO, 2000, Serro.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados

em dicionários e glossários brasileiros.

- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

messaquilibu. [?] *messaquilibu babá oquê/mulendi eledá/muna ualê e duaiê/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.

- **esumuluho.** *umb.* benção. **oku sumuluisa.** *umb.* abençoar. WILSON. 1954. **kibenzulu.** *quimb.* benção. MAIA, 1964.

moçambique. [País africano] *saravá o povo de ingomba auê/saravá o povo de Moçambique/oia o povo de congado ouê/ô no jira ni cunda no jira.* Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá. *ê Zambi.../ei, Maçambique é coisa boa/ Maçambique era nego de coroa/ê Zambi...* DIAS, 2001, Arturos.

- ▲ guarda dos pretos-velhos; caracteriza-se pela roupa branca, saiote e lenços azuis e uso das gungas. Em algumas versões do Mito, foi a guarda que tirou Nossa Senhora do Rosário das

águas. PEREIRA; GOMES, 2000, Arturos.

▼ Nomeia córrego e fazenda em Cordisburgo. LIMA, 2012.

◆ **moçambique.** Nome genérico porque ficaram conhecidos negros do grupo banto de fala majoritária ronga e chagada, que foram trazidos de Moçambique, na Contra-Costa, para o Brasil, em número menos significativo para o Nordeste; dança folclórica brasileira, espécie de bailado, que se encontra nas regiões centro-oeste e sudeste do Brasil. **mozambique.** país do sudeste africano, banhado pelo Oceano Índico, capital Maputo e língua oficial portuguesa. CASTRO, 2001,

Bahia. **moçambique.** bobo. ANDRADE F^o, 2000, Cafundó.

■ **moçambique.** 1. Dança afro-brasileira. 2. Topônimo. SENNA, 1921; AURÉLIO, 1975; MENDONÇA, 1973.

● **musambi.** *quimb.* saltareio. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--].

musambe. *quimb.* aquele que diz orações. ASSIS JR., [19--].

nsambu. *quic.* benção. COBE, 2010; MAIA, 1964. **esambu.** *olun.* oração. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.

monu. [?] *ocolofé cuna zambi/monu, monu gundelela/pala oso/munu abanjá.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.

- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- **mono.** [?] SENNA, 1921, 1938.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- mulendi.** [?] *messequilibu babá oquê/mulendi eledá/muna ualê e duaiê/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- muenha.** [?] *muenha cuna marungo/na Aruanda saravá/muenha cuna marungo/na Aruanda saravá.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
 - Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
 - Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- mulungu.** árvore leguminosa, com muitos espinhos no tronco e nos galhos, também conhecida no Brasil como *sapato do diabo*. *Minha mãe mandô me chamá/lá no pé de mulungu/oi de dia plantá bananera/oi de noite tocá caxambu*. DIAS, 2001, Jatobá.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
 - ▼ 1. árvore da família das leguminosas, de flores vermelhas ou alaranjadas. 2. grande tambor, usado nas cerimônias religiosas dos xangôs. 3. Ser superior aos homens; deus. Nomeia córrego em Ataléia, Buritis e Unaí; fazenda em Buritis e Unaí. LIMA, 2012.
- ◆ **mulungu.** 1. espécie de zingoma muito grande, comprido e estreito, de som retumbante. CASTRO, 2001, Bahia.
 - **mulungu.** 1. Árvore leguminosa. 2. Topônimo. LOPES, 2003; MENDONÇA, 1973; BASTIDE, 1971; SENNA, 1938, 1921;
 - **umbulungu.** *umb.* árvore medicinal. LE GUENNEC; VALENTE, 2010. **mulungu.** *quimb.* grande árvore da família das leguminosas. ASSIS JR., [19--].

muna. [?] *messaquilibu babá oquê/mulendi eledá/muna ualê e duaiê/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

musambê. [?] *angana musambê/angana lubambu/oncó uteleze/*

oncó ocolofé. Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

▲ **muzambo.** adivinho. *Queremos saber o nome da árvore que surgiu na mata, pois não somos muzambo.* GONÇALVES, [1994].

▼ **muzambo.** Nomeia rio em Alfenas, Alterosa, Divisa Nova, Juruiaia, Muzambinho e Serrania; Fazenda em Areado, Monte Belo e Muzambinho. **Muzambinho.** Nomeia cidade; fazenda em Itambacuri, Serrania; Ribeirão em Serrania; rio e serra em muzambinho. LIMA, 2012.

◆ **muzambê.** espécie de papão do folclore brasileiro. resposta do sacerdote ao filho que lhe pediu a bênção. CASTRO, 2001, BAHIA.

- **muzambê.** bicho papão. MEN-
DONÇA, 1973.
- **muzambu.** *quimb.* adivi-
nha, adivinhação. MAIA, 1964.
- **musambe.** *quimb.* planta famí-
lia das leguminosas (*cássia sibe-
riana*), comestível e medicinal.
- **músambe.** *quimb.* que diz ou
faz orações. ASSIS JR., [19--].
- **nsambu.** *quic.* benção. COBE,
2010; MAIA, 1964.
- **esambu.** *olun.*
oração. DICCIONARIO PORTUGUEZ-
OLUNYANEKA, 1896.
- **nodiratingó.** [?] *zambi dimaca-
jiomi/nodiratingó auê...* Capitão
João Lopes. LUCAS, [1990],
Jatobá.
- ▲ Não encontrada nos registros de
falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de
nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros
de falares africanos em outras
regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africa-
nismos registrados em dicioná-
rios e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicioná-
rios de quicongo, quimbundo e
umbundo.
- **ocaia.** *aqui neste reino curiô com
dambi/eh, dambiojira cafom
de vindero ocaia.* Capitão Julio
Antônio Filho. RIOS; CORRÊA,
2008, Fagundes.
*ê, dambiojira cafom de vindero
ocaia/ô, dambiojira ocaia cafom
de vindero no injó de jequê.*
Capitão Julio Antônio Filho. RIOS;
CORRÊA, 2008, Fagundes.
- ▲ **caimina, caiumina.** moça
mulher nova. SIMÕES, 2014,

Milho Verde; **ocaia**. mulher, moça. **ocaia, ocai, ocaio**. mulher. BYRD, 2005, Patrocínio. *Agora, essa ocaia, o caia cavu-vira, que tem o maveró avura*. Agora, essa mulhé, a mulhé preta, que tem o peito grande. **ocaizaim, ocainha, ocaizinha**. 1. menina. 2. mocinha. QUEIROZ, 1998, Tabatinga; **ocai, ocaia, ocaio**. VOGT; FRY, 1996, Patrocínio; **mucai**. VOGT; FRY, 1996, Alfenas; **okay**. moça. mulher. **okayzim**. moça. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo. **ocaia**. fumo. MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada; Mulher. DORNAS Fº, 1938, Itaúna; **ocai santo**. virgem. BYRD, 2005, Patrocínio.

ocai de banzo. prostituta. BYRD, 2005, Patrocínio.

ocai ofu. mulher negra. BYRD, 2005, Patrocínio.

ocaia de cuxipa. prostituta (*lit.* mulher da boceta). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

ocaia de imbunda. 1. feiticeira. 2. mulher infiel (*lit.* mulher de ambundo). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

ocaia do cuete. esposa (*lit.* mulher do homem). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

ocaia meu tata. mãe (*lit.* mulher meu genitor). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

ocaia ocora. mãe (*lit.* mulher velha). QUEIROZ, 1998, Tabatinga.

okay de banzo. mulher adúltera. mulher prostituída.

- prostituta. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.
- okay kinhama.** mulher gorda. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.
- okay makafa.** velha. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.
- okay marruda.** mulher gorda. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.
- okay santo.** moça Virgem. virgem. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.
- okay vibunada.** mulata. BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo.
- ocaia do vicóra.** rainha. DORNAS Fº, 1938, Itaúna.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **ocáia.** concubina, amante. CASTRO, 2001, Bahia.
- **ocáia.** mulher concubina ou amante. LOPES, 2003; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938; RAIMUNDO, 1933.
- **ukai.** *umb.* mulher. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954.
- kiuáia.** *quimb.* prostituta. MAIA, 1964. **omukai.** *olun.* mulher. DICCIONARIOPORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.
- ocolofé.** [?] *ocolofé cuna zambi/monu, monu gundelela/pala oso/munu abanjá.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- **ofé.** querer. “*Ofé ageúm?*” (Queres comer?); “*Umofé*” (Não quero). Do nagô. GARCIA, 1935.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- ocuacê.** [?] *ocuacê aiagana/araracolê/ ocuacê aiagana/ararecolá.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares, cantos e contos africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **acuxé.** 1. “Bom trabalho”, saudação a quem se acha trabalhando. 2. Recepção à chegada das divindades em transe. 1. ε kúášé, ε kúušé *Ior* 2. ε kúšílé. *Ior* Bem-vindo à casa. CASTRO, 2001, Bahia.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- oncó.** [?] *angana musambê/ angana lubambu/ oncó uteleze/ oncó ocolofé.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
 - Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
 - Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- oquê.** [?] *messaquilibu babá oquê/ mulendi eledá/muna ualê e duaiê/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares, cantos e contos africanos em Minas.
 - ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **oquê-arô.** (kwa) Saudação para Oxóssi. **oke àró.** *ior* CASTRO, 2001, Bahia.
 - Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
 - Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.
- oso.** [?] *abá cuna zambi pala oso/aiabá cuiama cana abá apaninjé/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.
- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
 - ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- **uososo.** *quimb.* qualquer. **onso.** *quic.* qualquer. MAIA, 1964. **uoso.** *quimb.* todo. ASSIS JR., [19--]. **otê, oteque.** céu. *otê... oteque ouê.../Pade Nosse com Ave Maria, auê.../seculo cumetavita, auê.* Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.
- ▲ **coteque, oteque.** céu, noite. BYRD, 2005, Patrocínio; **oteque, conteque.** céu; noite. QUEIROZ, 1998, Tabatinga; **coteque.** noite. VOGT; FRY, 1996, Alfenas; **oteque.** noite, céu, abóbada celeste. VOGT; FRY, 1996, Milho Verde; hoje. GONÇALVES, 1995, Belo Horizonte; **otequê.** dia. MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada; **otecame, otéque.** noite. DORNAS Fº, 1938, Itaúna. **ussixê-oteque.** meia-noite. GONÇALVES, 1995. Jatobá. **ocizê-oteke.** meia-noite. *Só chegou ao último, o 7º, a ocizê-oteke.* GONÇALVES, [1994], Jatobá.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **tec.** noite. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó. **tequi, otéqui.** noite. VOGT; FRY, 1996, Cafundó.
- **coteque, oteque.** noite. LOPES, 2003.
- **uteke.** *umb.* noite. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954. **eteke.** *umb.* dia. LE GUENNEC;

VALENTE, 2010; WILSON, 1954.

vokati kuteke. *umb.* meia-noite. WILSON, 1954.

rebolo. [etnia africana] *eu sou fio de nego, mamãe é crioula/eu vem de cumbara, eu vem rebolo.* Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.

▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.

■ **rebolo, libolo.** Nome de uma antiga nação banto, vinda de Angola. LOPES, 2003; CASTRO, 2001; SENNA, 1938.

● **lubolo.** *quimb.* território que constitui a circunvizinhança do

Libolo, distrito do Quanza-Sul, província de Benguela. ASSIS JR., [19--].

seculo. [ancião] *Padre Nosso com Ave Maria/seculo camera que tanazambê/tanazambê, ê/tanazambê, ah/bamba jambê, ah/bamba jambê, ah.* Capitão Ivo Silvério da Rocha. DIAS, 2001, Serro. *otê... oteque ouê.../Pade Nosse com Ave Maria, auê.../seculo cumetavita, auê/ê inganazamba punga auê.../auê, auê, ô... Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.*

▲ homem. SIMÕES, 2014, Milho Verde; na recolha de cantos da obra *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, o fundamento do vissungo explica que o negro pede para abençoar seu serviço

e sua comida: *seculo o camera qui t'anganazambê, aiô...*; já o do canto XXXII refere-se a um animal perseguido numa caçada: *Securo a cuca tu quenda ongombe*. MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada.

- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- **sekulo**. cada um dos anciões que, nas aldeias angolanas, constituem o estado-maior do soba. LOPES, 2003.
- **sekulu**. *quimb*. ancião. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **nkulu**. *quic*. ancião. COBE, 2010; MAIA, 1964. **osekulu**. *umb*. velho. GUENNEC; VALENTE, 2010;

WILSON, 1954. **oukulu**. *olun*. velhice. DICCIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.

tanazambê. Ver *zambi*.

tata. pai. *eu vem lá da Angola passei ni Aruanda/conenga agora chegô lá no injó/ê no injó de jequê me conenga tata/aqui nesse reino conengô tata/ê conengô com tata lá no injó de jequê/aqui nesse reino no injó de jequê/*. Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.

▲ **otaca, otata, tata**. pai. BYRD, 2005, Patrocínio; **tata, otata**. Genitor. QUEIROZ, 1998, Tabatinga; **tata**. pai. VOGT; FRY, 1996, Milho Verde; mãe. VOGT; FRY, 1996, Patrocínio; **otata, tata**. pai. GONÇALVES, 1995,

Belo Horizonte; **otaka, otata.** BATINGA, 1994, Alto Paranaíba/Triângulo; **otata.** MACHADO Fº, 1943, São João da Chapada; **tata.** DORNAS Fº, 1938, Itaúna **Ocudê-tatariovê.** insulto: “filho sem pai”. GONÇALVES, 1995, Jatobá.

- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ **tata.** pai, tratamento respeitoso, título equivalente a ogã. CASTRO, 2001, Bahia. **tata.** homem. **tataiova.** senhor, pai, homem. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó. **tataiova, tataiove.** pai. VOGT; FRY, 1996, Cafundó. **tata do cupópia vatemala.** advogado. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata da curima do palulé do pelotão. futebolista. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata camanaco. moço, jovem. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata cucuerado. homem casado. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata do injó do mafingue. irmão. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata do injó do maiêmbi. farmacêutico. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata do injó do maiêmbi do nangá avere. médico, enfermeiro, farmacêutico. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata do sêngui. macaco. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata do tuim. delegado, soldado. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata do viçó vavuro. homem do olho grande, homem invejoso. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata jocosocoto do injó. qualquer homem idoso da casa (pai, avô, etc.). ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata que cuenda o lepo no maçuruco da caméria. barbeiro. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata que cuenda o lepo no orofim do sêngui. lenhador. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata que cupopeia a cupópia de Jambi. padre. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata que curima a açória. dentista. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata que curima o ingômbi do andarú. mecânico, motorista. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata que curima o nangá do palulé. sapateiro. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata que curima o túri. lavrador. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata que curima o viçó. oculista. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata que curima vavuro a tenhora da mucanda. jornalista. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata vavuro na mucanda. professor. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

tata vavuro no túri. fazendeiro. ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

■ **tata.** grande sacerdote. LOPES, 2003. espírito protetor da cabula. FERREIRA, 1975.

● **tata.** *quimb.* pai, homem idoso, chefe. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **tata.** *quic.* senhor, pai.

COBE, 2010. **tate.** *olun.* meu pai. DICIONARIO PORTUGUEZ-OLUNYANEKA, 1896.

ualê. [terra] *messaquilibu babá oquê/mulendi eledá/muna ualê e duaiê/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.

● **olwili, oluali.** *umb.* terra. GUENNEC; VALENTE, 2010; WILSON, 1954.

utelese. [?] *angana musambê/angana lubambu/oncó uteleze/oncó ocolofé.* Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

- ▲ Não encontrada nos registros de falares africanos em Minas.
- ▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.
- ◆ Não encontrada nos registros de falares africanos em outras regiões do Brasil.
- Não encontrada entre os africanismos registrados em dicionários e glossários brasileiros.
- Não encontrada em dicionários de quicongo, quimundo e umbundo.

vangue opungo. Ver *zambi*.

xiquirá. *no tempo do cativero/ vida de nego era só trabucá/ trabucava o dia intero/e ainda ganhava era o xiquirá.* TITANE, 1999, Oliveira.

▲ **chiquirá.** chicote comprido de couro trançado. PEREIRA; GOMES, 2000, Arturos.

▼ Não encontrada nos registros de nomes de lugares em Minas.

◆ **xequerê.** Instrumento feito de ma cabaça enrolada de conchas ou fios de búzios ou de sementes brancas consagrado a Oxalá. **tšekèlè.** *ior.* CASTRO, 2001, Bahia.

■ **xequerê.** Instrumento ritualístico. MENDONÇA, 1973.

● Não encontrada em dicionários de quicongo, quimbundo e umbundo.

zambi, dambi. deus. *duro cum bambi/dipupi aiovê, auê.../ê duro cum zambi/dipupu aiovê/ zambi dimanga zambi no jira tingô auê...* Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.

ô indamba angananzambi punga auê.../duro cum bambi/dipupi aiovê, auê.../ê duro cum zambi/dipupu aiovê. Capitão João Lopes. LUCAS, [1990], Jatobá.

abá cuna zambi pala oso/aiabá cuiama cana abá apaninjé/ê ê aruê, aruê, aruê/ê ê aruê, aruê, aruê. Capitã Pedrina de Lourdes Santos. TITANE, 1999, Oliveira.

vangueopungo é quem me criou, o vingue. Capitão Ivo Silvério da Rocha. RAJÃO, 2000, Serro. Padre Nosso com Ave Maria/ seguro camera que tanazambê/ tanazambê, ê/tanazambê, ah/ bamba jambê, ah/bamba jambê, ah. Capitão Ivo Silvério da Rocha. DIAS, 2001, Serro. aqui neste reino curiô com dambi/eh, dambiojira cafom de vindero ocaia. Capitão Julio Antônio Filho. RIOS; CORRÊA, 2008, Fagundes.

- ▲ **gananzambe.** pai. BYRD, 2005, Patrocínio; **inganazambe, tan-ganazambe, t'anzandoiola.** deus. *Que é primero com tan-ganazambe. Ê pade nosso cum ave maria seguru o camera qui t'anzandoiola.* NASCIMENTO, 2003,

São João da Chapada; **ingana-zambe.** deus. PEREIRA; GOMES, 2000, Arturos; **vangueopungo.** *Vangueopungo é quem me criou, o vingue. Capitão Ivo Silvério da Rocha. RAJÃO, 2000, Serro; zambi. santo. VOGT; FRY, 1996, Alfenas; **gananzambe.** padre. VOGT; FRY, 1996, Patrocínio; **zâmbi, zambiapungo.** deus criador. GONÇALVES, 1995, Jatobá; **nzambi.** deus criador. *O assunto do dia era: qual das criaturas feitas por Nzambi era a mais valente e temida. nzambiapungo.* deus criador. *Porém, era um acontecimento muito especial feito por Nzambiapungo, sendo então um tabu, sujeito a penas severas se não cumprisse o ritual.* GONÇALVES, [1994],*

Jatobá. **anganaiovê, angana-
nzambi, angananzambê,
anganazambê-opungo, gana-
zambi, nganazambi, angana-
zambi-opungo, zambiopungo,
anzambe, anzambi, anzambê.**
MACHADO Fº, 1943.

iganazambe tiquatita. deus
que ajude. NASCIMENTO, 2003,
São João da Chapada.

**anganazambi punga, ingana-
zamba punga.** Deus. *ê ingana-
zamba punga auê.../ auê, auê,
ô... /ô indamba anganazambi
punga auê...* Capitão João Lopes.
LUCAS, [1990], Jatobá.

coroa de granjão. abacaxi. (*lit.*
coroa de Deus). QUEIROZ, 1998,
Tabatinga.

levá pro granjão de viru.
matar (*lit.* levar para o Deus

de defunto). QUEIROZ, 1998,
Tabatinga.

▼ Não encontrada nos registros de
nomes de lugares em Minas.

◆ **zambi, inzambi deus supremo.
gangazambi, ganganzambi,
inganazambi, angananzambi,
angananzambi-opungo, gan-
ganzambi.** deus, ser Supremo.
CASTRO, 2001, Bahia. **jambi.**
deus, santo. ANDRADE Fº, 2000,
Cafundó. **ingananzambe.** deus,
santo. VOGT; FRY, 1996, Cafundó.
jambi vimbundo. São Benedito.
ANDRADE Fº, 2000, Cafundó.

■ **zambi.** 1. deus. 2. chefe. 3.
topônimo. LOPES, 2003; AURÉ-
LIO, 1975; MENDONÇA, 1973; BAS-
TIDE, 1971; SOARES, 1954; SENNA,
1921, 1938.

- **nzambi, ngana, ngana-nzambi, nzambi-pungu.** *quimb* deus. MAIA, 1964; ASSIS JR., [19--]. **nzambi.** *quic.* deus. COBE, 2010; MAIA, 1964. **ngãla njambi.** *umb.* deus. GUENNEC; VALENTE, 2010.

zambiapungo. Ver *zambi*.

zambiopungo. Ver *zambi*.

Referências

Livros, revistas e jornais

ANDRADE FILHO, Sílvio Vieira de. *Um estudo sociolingüístico das comunidades negras do Cafundó, Caxambu e de seus arredores*. Sorocaba: Prefeitura Municipal, SEC, 2000.

APOCALYPSE, Mary. *Estórias e lendas de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro*. 2. ed. São Paulo: EDIGRAF. (Col. Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro, 6). p. 325-332: Vocabulário.

BASTIDE, Roger. *Negros no Brasil*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP, 1971.

BATINGA, Gastão. *Aspectos da presença do negro no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba*: Kalunga. Uberlândia: Ed. do autor, 1994.

BEAUREPAIRE-ROHAN. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. 2. ed. Salvador: Progresso, 1956. (Coleção de Estudos Brasileiros/Série Cruzeiro-IN 8)

BRANDÃO, Adelino. Contribuições afro-negras ao léxico popular brasileiro. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro, a. VIII, n. 21, p. 199-128, maio/ago. 1968.

BYRD, Steven Eric. *Calunga, an Afro-Brazilian Speech of the Triângulo Mineiro: Its Grammar and History*. 2005. 1 v. Dissertation (Doctorate of Philosophy) – University of Texas at Austin, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CASTRO, Yeda P. de. *Falares africanos na Bahia* (um vocabulário afro-brasileiro). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2001.

DORNAS FILHO, João. Vocabulário quimbundo. *Revista do Arquivo Municipal*, [São Paulo], n. 5, v. 49, p. 143-150, jul./ago. 1938.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GARCIA, Rodolfo. Vocabulário nagô. In: MENDONÇA, Renato *et alii*. *Estudos afro-brasileiros; trabalhos apresentados ao 10 Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934*. Rio de Janeiro: Ariel, 1935. v. 1, p. 21-27.

GOMES, Lindolfo. *Contos populares brasileiros*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1948. p. 193-203: Vocabulário.

GONÇALVES, Eugênia Dias. Os falares de Angola da Irmandade do Rosário de Belo Horizonte. *FUNDAC Informa*, Belo Horizonte, p. 5, [1994?].

GONÇALVES, Eugênia Dias. *O vocabulário dos Tata n' Ganga Mukice da Irmandade de N. S. do Rosário do Bairro Jatobá*, Belo Horizonte, Minas Gerais. Belo Horizonte: FAFI-BH, 1995.

LAYTANO, Dante de. Os africanismos do dialeto gaúcho. Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 7-66, 1936.

LIMA, Emanuela Cristina. *A toponímia africana em Minas Gerais*. 2012. 216 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LOPES, Nei. *Novo dicionário banto-português*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. (Retratos do Brasil, 26)

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1973. (Retrato do Brasil, 83)

NASCIMENTO, Lúcia Valéria do. *A África no Serro Frio – vissungos: uma prática social em extinção*. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Os tambores estão frios*: herança cultural e sincretismo religioso no ritual de candombe. Belo Horizonte: Mazza, 2005.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. *Negras raízes mineiras*: os Arturos. Belo Horizonte: Mazza, 2000.

PIRES, Cornélio. *Conversas ao pé do fogo*. São Paulo: [Ed. do Autor], 1921. p. 201-247: Vocabulário. ["Brasileirismos, archaísmos e corruptelas empregadas na 'Musa Caipira', 'Scenas e paisagens de minha terra', 'Quem conta um conto...' e na presente obra."]

QUEIROZ, Sônia. *Pé preto no barro branco*: a língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

SENNÁ, Nelson de. Africanismos no Brasil. *Revista de Língua Portuguesa*, n. 10, p. 159-163, mar. 1921.

SENNÁ, Nelson de. *Africanos no Brasil* (Estudo sobre os negros africanos e influências afro-negras sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro). Belo Horizonte: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1938.

SILVEIRA, Valdomiro. *O mundo caboclo de Valdomiro Silveira*. Estudos de Júnia Silveira Gonçalves, Bernardo Elis e Ruth Guimarães. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo; Brasília: INL, MEC, 1974. p. 157-180: Vocabulário.

SILVEIRA, Valdomiro. *Os caboclos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: MEC, 1975. p. 128-164: Vocabulário.

SIMÕES, Everton Machado. *África Banta na região diamantina*: uma proposta de análise etimológica. 2014. 196 f. (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1954.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. *Cafundó*: a África no Brasil: linguagem e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

Gravações sonoras

DIAS, Paulo (Dir. geral de pesquisa). *Congado mineiro*. [São Paulo: Cia. de Áudio/Classic Master, 2001]. (Col. Itaú Cultural. Documentos Sonoros Brasileiros Acervo Cachuera!, 1). CD.

LUCAS, Glaura (Pesq.). Gravação em cassete com João Lopes, capitão-mor da Irmandade do Rosário do Jatobá (BH/MG), feita durante pesquisa de campo para o livro *Os sons do Rosário* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002).

RAJÃO, Caxi (Dir. geral de pesquisa.). *Festa do Rosário*. Serro-MG 1724–2000. Nova Lima (MG): Nas Montanhas, 2000. CD.

RIOS, Sebastião; CORRÊA, Roberto (Dir. geral de pesquisa). *Foi o que me trouxe: Moçambique do Capitão Júlio Antônio Filho*. Brasília: Viola Corrêa Produções Artísticas e Clube do Violeiro Caipira de Brasília, 2008. CD.

TITANE (Dir. geral de pesquisa.). *Os negros do Rosário*. Belo Horizonte: Lapa Discos, 1999. CD. [1. ed. 1992. LP.]

Dicionários africanos

ASSIS JR., Antônio de. *Dicionário kimbundu-português*. Luanda: Edição de Argente, Santos & Cia., [19--].

COBE, Francisco Narciso. *Novo dicionário português-kikongo*. Luanda: Mayamba, 2010.

DICCIONARIO portuguez-olunyaneka; pelos padres missionários da Congregação do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria. Huila: Typographia da Missão, 1896.

LE GUENNEC, Grégoire; VALENTE, José Francisco. *Dicionário português-umbundu*. Luanda: Escolar Editora, 2010.

MAIA, Pe. António da Silva. *Dicionário complementar português-kimbundo-kikongo*: línguas nativas do centro e norte de Angola. Cucujães: Tipografia das Missões, 1964.

WILSON, Ralph L. *Dicionário prático português-umbundo*. Bela Vista, Angola: Tipografia do Dondi, 1954.

**Publicações Viva Voz de
interesse para a área de estudos da oralidade**

Vissungos

Cantos afrodescendentes em Minas Gerais

3ª ed. revista e ampliada

Neide Freitas

Sônia Queiroz (Org.)

Negros pelo Vale

3ª ed. revista e ampliada

Josiley Souza (Org.)

**Literarização da oralidade,
oralização da literatura**

Jean Derive

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: <www.letas.ufmg.br/vivavoz>

A compilação e edição desses cantos do Reinado do Rosário em que se mesclam à língua portuguesa palavras de línguas africanas, especialmente das línguas do grupo banto, vindas dos antigos Reinos do Congo, de Matamba, Ngola e de Benguela, começou em 2010, ganhou força em 2012 e 2013, no Festival de Inverno da UFMG, em que teve início o projeto *Cantares em línguas africanas rituais*. Com a disciplina Injira de ngoma, em 2015, que trouxe para o protagonismo no ensino de graduação da UFMG mestres de saberes tradicionais, trabalhou-se na revisão e atualização das duas edições anteriores, agora tendo ao nosso lado capitães do Reinado do Rosário que ainda cantam e eventualmente conversam nessa língua de antigos reinos que se reinventam no Brasil.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, integrado por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.